

SINTESE

LAGES

O Ministério das Comunicações fez publicar edital no Diário Oficial da União, abrindo concorrência para a instalação de um canal de televisão na cidade de Lages. O edital estabelece prazo de 45 dias para os interessados apresentarem propostas para instalação do canal 10 na cidade de Lages.

JOAÇABA

O Conselho Estadual de Educação deverá receber até o fim do mês o processo de constituição da Faculdade de Administração de Joaçaba. Se aprovado no Conselho o processo a Faculdade de Administração começará a funcionar em março de 1971 com 20 alunos e mais 30 serão admitidos em agosto. A Faculdade de Administração será a primeira unidade de ensino superior a ser criada no Oeste do Estado.

CURITIBANOS

Serão abertos oficialmente hoje em Curitiba os VIºs Jogos da Primavera do município. A competição reunirá todos os clubes e colégios da cidade e os jogos serão disputados no Pinheiro Tênis Clube e no Estádio Municipal. Na abertura dos jogos hoje às 9 horas haverá um desfile das equipes participantes e apresentação da "fanfara" do ginásio Estadual Tiradentes de Curitiba.

MAFRA

Por considerá-lo pouco produtivo a direção da Rede Ferroviária Federal, vai fechar o ginásio Ferroviário da cidade de Mafra. Ditem os diretores que a maioria dos que ali se formam, nunca prestam serviço a empresa, que dispende elevada soma no pagamento de professores e manutenção do estabelecimento. Autoridades municipais se empenham no sentido de preservar o acervo do estabelecimento para a rede de ensino do Estado e inclusive pensam em transformá-lo em ginásio industrial. O Ginásio Ferroviário vai cerrar suas portas em 1971.

JOINVILLE

O vereador Jamel Dippe, é o novo líder do governo municipal no legislativo Joinvilense. A indicação foi feita pelo prefeito Harald Karman.

EMPRESA EDITORA O ESTADO LTDA.

Administração, Redação e Oficinas: Rua Conselheiro Maíra, 160 — Caixa Postal, 130 — Fone 3022 — Florianópolis — Santa Catarina. / DIRETOR: José Matusalem Comelli / SUPERINTENDENTE: Márcio Medeiros Filho / EDITOR: Luiz Henrique Tancredo / GERENTE: Osmar Antônio Schlichtwein / SUB-GERENTE: Divino Mariot / REDATORES: Sérgio da Costa Ramos, Antônio Kowalski Sobrinho, Sérgio Lopes e Pedro Paulo Machado / REPORTERES: Wilson Libório de Medeiros e José Carlos Soares / SUCCURSAL DE BLUMENAU: Rua XV de Novembro, 504 / REPRESENTANTES: A.S. Lara Ltda. — Avenida Beira Mar, 451 — 11º A.S. Lara Ltda. — Rua Vitória, 657 — 3º andar — São Paulo — Propal Propaganda Representações Ltda. — Rua Coronel Vicente, 456 — 2º andar Pórtio Alegre e Representação Paranaense de Veículos Publicitários Ltda. REPAVE — Rua Voluntários da Pátria, 475 — 12º andar — Curitiba.

Terror explode três aviões na Jordânia



Venda irregular fecha a Farmácia Central

A Subdelegacia de Polícia Federal prossegue na fiscalização às Farmácias da Cidade e a uma delas já foi fechada. A Farmácia Central, que vendia medicamentos tóxicos sem atender às exigências legais que só autorizam a venda mediante a apresentação de prescrição médica e identidade da pessoa adquirente. (Página 2).

Deputado adia ordem ao sistema bi-partidário

O deputado Medeiros Neto condenou na Câmara a criação de um terceiro partido político, afirmando que o sistema representativo bi-partidário "é o imperativo da ordem contra a desordem". Referiu-se à atual situação do Chile e da Itália, onde, a seu ver, existe "o comércio de legendas que trará dias turvos, aziagos e pouco iluminados para o futuro das duas nações". Res-

saltou o parlamentar da Arena alagoana que o pluri-partidarismo "não interessa a ninguém: o Governo já detem, com respaldo cívico e político, um partido forte; e, para representar a oposição, também existe o MDB, ocupando com a vantagem da prioridade a faixa própria". O discurso do Deputado foi aparteado por vários parlamentares adeptos da criação do terceiro partido.

Malinverni vai fazer o busto de Rubens Ramos

(Última Página)



Nilso foi artilheiro e deu vitória ao azulão

O Avaí derrotou o Palmeiras de Blumenau por 2 a 1, jogando ontem no Estádio Adolfo Konder em jogo válido pelo Campeonato Estadual e incluído no 15º teste da Loteria Esportiva. No primeiro tempo a equipe da capital merecia um placar bem mais dilatado que o 1 a 0. No tempo final o Palmeiras reagiu, mas Nilso já assegurara a vitória do Avaí. (Página 10).



A infância passeando nos jardins do palácio

Os jardins do Palácio do Governo, com seus lagos artificiais e as suas aves, deliciaram a manhã das crianças do Jardim de Infância do Colégio Coração de Jesus que, lideradas pela professora, organizaram uma safári alegre e divertido. As crianças gostaram do passeio ao ar livre e fizeram a professora prometer que eles se repetirão.

Rondon está otimista: prevê muitas vitórias

O Deputado Rondon Pacheco declarou que as perspectivas eleitorais da Arena "são ótimas em todo o País". O presidente do Partido defendeu a presença dos futuros governadores nas concentrações partidárias, afirmando que "os contatos abrem perspectivas ao debate das ideias e ao conhecimento das realidades locais".

— Os futuros governadores — de-

clarou o Sr. Rondon Pacheco — foram escolhidos todos dentro dos quadros da Arena já com sua vinculação partidária, e seu comparecimento a concentrações partidárias regionais é decorrência desse vínculo preexistente às suas candidaturas. Adiantou que os futuros governadores estão aguardando convocação para a execução do Plano de Desenvolvimento Integrado do País.

A crise dos cinemas

(Página 2)

Colombo Salles reúne-se com líderes da Região Norte

Economistas programam encontro na Capital

Será realizado nesta Capital nos dias 21 e 22 próximos o I Encontro Estadual dos Economistas, organizado pelo Conselho Regional dos Economistas Profissionais da 7ª Região.

O encontro tem quatro objetivos principais, quais sejam:

a) estudar a nova regulamentação da profissão de economista, oferecendo sugestões para o seu aperfeiçoamento;

b) congregar e unificar a classe dos economistas de Santa Catarina em torno da liderança exercida pelo Conselho Regional;

c) estabelecer, em bases sólidas, as condições necessárias à efetiva organização da profissão em todo

o Estado, com vistas ao melhor conhecimento do mercado profissional e à ampliação das oportunidades de trabalho;

d) aproximar, entre si, as faculdades de ciências econômicas existentes no Estado, entrosando-as, dinamizando-as procurando estabelecer bases operacionais e programáticas comuns com vista ao mais eficiente suprimento do mercado de trabalho do economista, através da formação de profissionais melhor classificados.

O Encontro deverá contar com a participação de mais de 200 economistas de todo o Estado, sendo realizado no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas.

Falando sexta-feira na cidade de Joinville o engenheiro Colombo Salles afirmou que la comparecia com o seu Projeto Catarinense de Desenvolvimento, "no qual se sente a ênfase dada à empresa, considerando-a como auxiliar imprescindível do Poder Público, para o bem estar do povo de Santa Catarina".

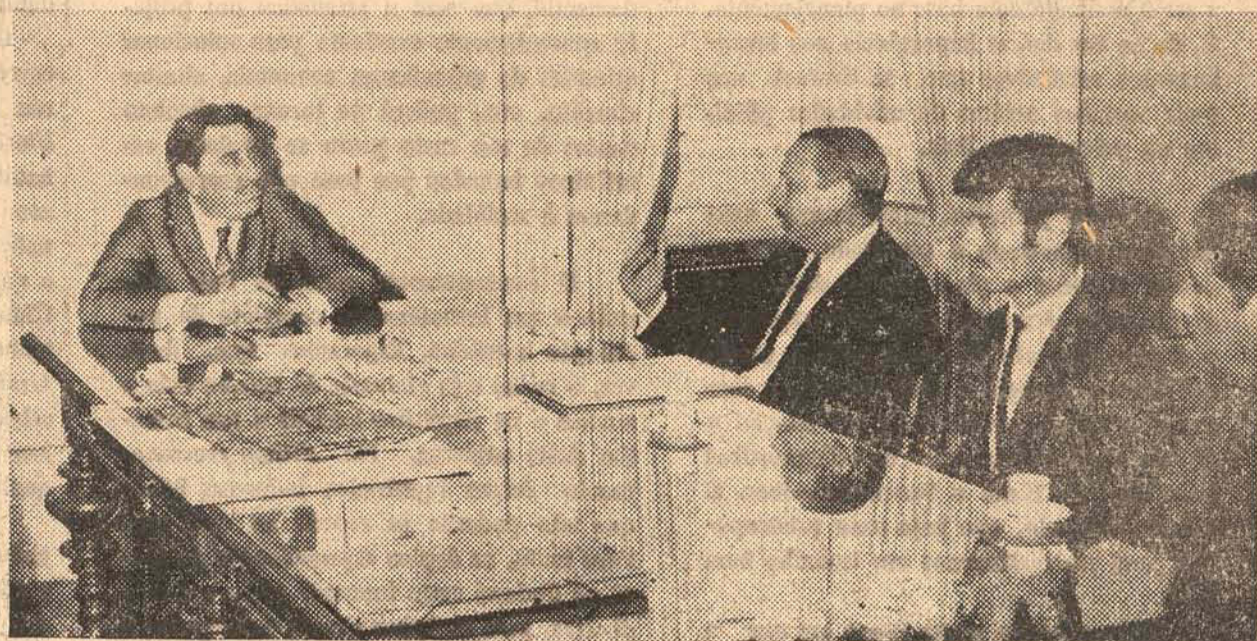
O futuro Governador reuniu-se em Joinville com os prefeitos da Micro-Região do Norte do Estado e representantes da classe empresarial, de quem ouvir reivindicações e recebeu documento contendo subsídios para o seu plano de Governo. A reunião foi realizada no auditório do Colégio Santos Anjos e na oportunidade o Sr. Colombo Salles proferiu o seguinte discurso:

"Paisagens há, em que o caminhante, mesmo dominado pelo cansaço e pelas distâncias, tanto as vendidas quanto as por percorrer, pára extasiado para abrandar seus olhos, na beleza do bem sucedido da natureza. Assim, também, com as cidades promessas, botões um dia antes do florescer, aguardando, apenas, os raios de sol do impulso administrativo, para eclodirem em progresso. E há cidades realizações, onde, às condições favoráveis, se juntaram o trabalho paciente e a incentivo sem cansaços, para mostrar aos passantes o seu vigor e sua pujança. Não há exageros em afirmar, que cada filho de família catarinense dirá com orgulho, onde quer que esteja: "há, em Santa Catarina, uma Joinville; a Joinville das fábricas, a Joinville da operosidade, a Joinville onde as virtudes melhores dos claros imigrantes se mesclaram ao calor moreno do filho da terra num conviver íntimo e harmonioso, que poderia ser levantado como exemplo a tantas nações do mundo.

Haverá problemas a equacionar, assim como haverá soluções a serem buscadas. Mas há a certeza, demonstrada pelo passado de que eles virão.

E aqui estou eu, senhores, com o meu Projeto Catarinense de Desenvolvimento, no qual se sente a ênfase dada à empresa, considerando-a como auxiliar imprescindível do Poder Público, para o bem estar do povo de Santa Catarina. A vós, senhores, o enriqueço-lo com vossa ótica desenvolvimentista e empresarial. A vós, a palavra que, de antemão sei, será razoada, medida, e possível, pois que a ouvirei dos portavozes da indústria e é próprio da indústria edificar magníficos castelos sobre bases pétreas, firmes e possíveis.

Nunca se dirá bastante de que foi feito aqui; nunca se enumerará, completamente, todas as conquistas, todos os trabalhos, todos os serviços feitos; mas nunca se cantará bastante o sucesso conseguido, a caminhada feita e a certeza do dever cumprido. A esta Joinville, apenas um apelo: NOCH WEITER! Mais para frente!"



Ivo recebe homenagem de Escolas?

O Governador Ivo Silveira recebeu em seu Gabinete uma Comissão de representantes da Campanha Nacional de Escolas de Comunidade, que lhe entregou um presente "como demonstração do reconhecimento da entidade pelos serviços prestados pelo Governador". Durante a audiência a comissão apresentou ao Chefe do Governo um memorial contendo reivindicações de auxílios para a entidade, inclusive para a adoção de uma área de terras para a construção do Ginásio Antônio de Barros. A comissão tinha à frente o Sr. Geraldo Cama Salles, presidente da Comissão Executiva da Campanha, presente também o deputado Fioravante Massolini, ex-dirigente da entidade.

Novas Placas

oficializadas pelo DETRAN

JÓIA PÓSTO LTDA.

Rua Gen. Gaspar Dutra, 150 — Estreito
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

FABRICANTES:

José Borges & Cia.

Av. Visc. de Guarapuava, 2381
C. POSTAL 49 — CURITIBA — PARANA

DIPRONAL

Rua Felipe Schmidt, 60 — Fone 20-51
DEPARTAMENTOS DE CARROS USADOS

Rural verde e/branco motor 2600	1969
Ford 2 portas 2 cores	1959
Pick-up Kombi	1968
Kombi	1963
Pick-up 4x4	1966
Pick-up 4x4	1969
Aérol Willys azul e branco	1966
Aérol Willys	1969
Volkswagen verde	1970
Corcel GT Vermelho	1970
Jeep	1963
Simca	1963

Banco do Estado de Santa Catarina S. A.

ALIENAÇÃO DE IMÓVEIS

O BANCO DO ESTADO DE SANTA CATARINA S. A. comunica a quem interessar possa que oferece à venda os seguintes imóveis:

1. Terreno com uma casa de alvenaria, sito em Vila Real, Balneário de Camboriú, fazendo o terreno, frente com 56,40 metros para a rua Vila Real e fundos em terra de Marinha com 48,00 metros extremado de um lado com terras de José Heindrich com 41,00 metros e de outro lado com terras de Leonília Vigarini, com 13,00 metros, perfazendo a área total de 1.269,35 metros quadrados. No prédio construído sobre o terreno acima, estão assentadas as instalações da extinta Indústria e Comércio de Pescados Camboriú S. A. — CAMPESCA.

2. 120 lotes urbanos sitos no Municípios de Maracajá, no loteamento Eduviges Souza.

3. Terreno Rural sito no lugar Rio do Pouso, Município de Tubarão, com a área total de 12.196,80 metros quadrados, confrontando ao norte com terras de Camilo Valente, ao sul com Samuel Bez ao leste com Camilo Valente e a leste com Samuel Bez.

4. Uma área de terras acidentadas, sem benfeitorias, com 1.028.904,00 metros quadrados, na localidade de Canhandubá, Município de Itajaí.

5. Uma área de terras, boa para gado, com 2.614.071,00 metros quadrados, situada na localidade de Itaipava, no Município de Itajaí.

6. Um lote de terreno sito em Guarujá estado de São Paulo, localizado na Praia da Enseada, medindo 13 metros de frente, por 26,50 metros de fundos.

As propostas deverão ser entregues imprerterivelmente até às 17,00 horas do dia 30 de setembro na sede das Agências do Banco do Estado ou no seu Departamento Jurídico, em Florianópolis. As propostas deverão ser acompanhadas de referências bancárias dos proponentes, quando os mesmos não forem clientes do Banco do Estado e serem encaminhadas em três (3) vias e em envelope fechado, reservado ao Banco recusar qualquer delas a seu critério.

Quaisquer outros esclarecimentos necessários serão prestados pelas Agências de Itajaí, Tubarão e São Paulo, ou, ainda, no Departamento Jurídico do Banco, em Florianópolis.

Florianópolis, 03 de setembro de 1970.

João José de Cupertino Medeiros — Presidente.

José Pedro Gil — Diretor.

Cyrol Gevaerd — Diretor.

Curso sobre tóxicos tem início amanhã

Foi confirmado para amanhã o início do curso "Toxicofilia-Delinquência Juvenil e Periculosidade Criminal", a ser realizado nesta Capital sob a direção do professor Carlos Leal Vieira, da Universidade Gama Filho, da Guanabara.

Segundo o Prof. Holdemar de Menezes os temas a serem abordados no curso "são da mais gritante atualidade", acrescentando que o problema de tóxicos, "mais do que nunca, está na ordem do dia. A mesma coisa se poderia dizer — prosseguiu — quanto à delinquência juvenil, que ocupa as páginas das mais conceituadas revistas mundiais".

A sociedade está perplexa diante do uso dos tóxicos e do comportamento anormal da juventude — ressaltou — e a periculosidade criminal é essa carga negativa que trazemos dentro de nós e que, em circunstâncias várias, pode desencadear delitos.

O Prof. Carlos Leal Vieira é especializado em psiquiatria forense e dirige atualmente o Serviço de Biopsicologia da Penitenciária da Guanabara, vários trabalhos sobre serviços penitenciários, toxicomanias, delinquência juvenil, periculosidade criminal e psicogênese do crime

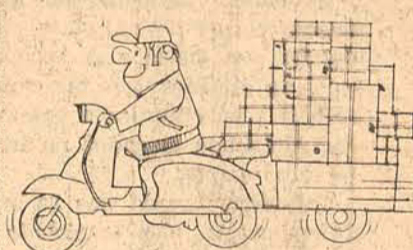
Lambretta CONTINUA INSUPERÁVEL



É a solução para vendas e cobranças!



A única para entregas rápidas



Eficiente nas entregas volumosas com pouco investimento!



Perfeita para tinturarias!



Ideal para serviços de assistência técnica!



Imprescindível nas floriculturas!



Insuperável para entrega de avisos e correspondências!



Útil para fiscal de obras

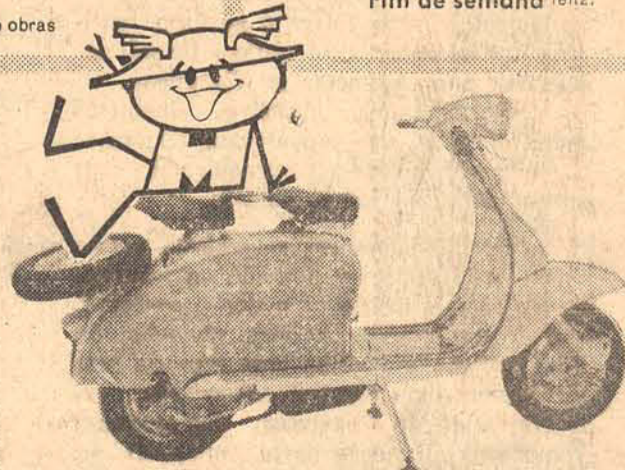


Fim de semana feliz!

MENOR IMOBILIZAÇÃO FINANCEIRA MAIOR RENDIMENTO • MAIS ECONÔMICA

Acaba com os problemas de trânsito e estacionamento!
CONDIÇÕES MUITO FACILITADAS!
Preços especiais para firmas estabelecidas!

Venha conversar conosco... que a gente se entende!



Hermes Macedo S/A

39 LOJAS DO RIO GRANDE À GUANABARA

MELLO PEDREIRA S. A.



ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES

ENGENHEIRO CIVIL

Necessitamos de ENGENHEIRO CIVIL, com experiência mínima de 5 anos, para prestação de serviços em obra de grande porte, no interior do Estado do Grande do Sul. Oferecemos boas condições de trabalho e remuneração compensadora. Os interessados deverão se dirigir à Caixa Postal, n. 436 — Pôrto Alegre — RGS., ou marcar entrevistas pelo fone 24.22.33 (Pôrto Alegre).

Avon chama:

Promotoras de vendas

AVON COSMÉTICOS LTDA., a maior firma de cosméticos do mundo, está precisando de senhoras para sua equipe de promotoras de vendas em Florianópolis. AVON oferece excelente remuneração, cargo de prestígio, despesas pagas e possibilidades de desenvolvimento contínuo.

É necessário possuir automóvel. Se a senhora não tiver, nós daremos condições para sua compra, nos primeiros tempos de trabalho.

Se a senhora procura um emprego nessas condições, compareça para Entrevistas no Hotel Royal nos dias 14 e 15/9 no período das 13 as 17 horas com Sr. Ernesto Schibuola.

ALUGUE O SEU DINHEIRO

As Letras de Câmbio da Catarinense garantem o lucro mais seguro para suas economias. E o seu dinheiro é todo reaplicado em Santa Catarina. Compre as Letras da Catarinense! Não deixe que nossos recursos sejam levados para outros estados!

RENTABILIDADE:

As Letras de Câmbio da Catarinense rendem juros e correção monetária. Quer dizer: você recebe uma espécie de aluguel pelo tempo que seu dinheiro fica empregado.

LIQUIDEZ:

As Letras de Câmbio da Catarinense são títulos de crédito. Têm liquidez absoluta.

SEGURANÇA:

As Letras de Câmbio da Catarinense têm a garantia do B. D. E., Banco do Estado de Santa Catarina.



CIA. CATARINENSE
DE CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTOS

Você também pode comprar as Letras de Câmbio da Catarinense em qualquer uma das agências do B. D. E.

Aconteceu... sim

Por Walter Lange
Nº 648

Pensamento: O amor tem tempo para ouvir, sabedoria para falar e paciência para agir.

Um dos mais sérios jornais de medicina inglesa, *The British Medical Journal*, publica o resultado de uma experiência feita por cientistas, dirigidos pelo nutrólogo A. Emery de Londres, provando que a água também embriaga! O dr. Emery que há muitos anos vem estudando problemas ligados à nutrição, informa que conseguiu embriagar com água durante as experiências realizadas, indivíduos de 30 a 40 anos de idade. Diz ele que: 1º Quem bebe continuamente água já no segundo litro se trona "alegre". 2º Ao terceiro litro o indivíduo sente a língua empastada e suas idéias confusas. 3º Com quatro litros, se adormecer por muitas horas seguidas, acordará com a boca amarga, exatamente como os alcoólatras durante a resaca. 4º Obrigado a caminhar, os ébrios de água o fazem em ziguezague!

Ainda há vítimas em Hiroshima, provenientes da bomba atômica. No ano passado faleceram nos hospitais de Nagasaki e Hiroshima 48 pessoas, as quais se encontravam internadas desde o ano de 1945. Em 1960 morreram pela mesma razão mais 64. Assim depois de 15 anos, as bombas atômicas ainda fazem as suas vítimas.

O segredo da longevidade é: um

calice de cachaça antes das refeições, bifes mal passados e nada de carne de porco. Foi o que declarou o lavrador mineiro Joaquim Avelino Coelho de Itabira. Quando fez esta declaração tinha 110 anos de idade.

Para uma tómbola em benefício de uma entidade de caridade, realizou-se nos arredores de Londres um baile. Uma firma funerária ofereceu como prêmio "um enterro gratuito". A oferta foi recusada como "profundos agradecimentos".

Tom Serind foi condenado por um tribunal londrino a pagar uma multa de 10 libras esterlinas, porque observava no parque com binóculos os casais de namorados. Entre outras coisas o juiz deu as seguintes razões para a sua decisão: "Tom Serind perturba com a sua ação a calma e a contemplação de uma parte dos visitantes do Hyde Park de Londres".

Emílio Vigati, um noivo abondado, foi ao palácio dos Campos Elísios para falar com o Governador, e pedir "providências". Emílio, que tem 35 anos de idade, veio de São Carlos, onde reside, não conseguiu expor o seu drama ao Governador que, naturalmente, tem mais que fazer, mas, em compensação, foi encaminhado ao Serviço de Assistência Social para posteriormente ser internado.

Pobres sógras! Jorge Burnel, viajando pela Europa, recebeu do seu só-

cio na Califórnia o seguinte telegrama: "Sua sogra faleceu. O que devemos fazer: enterrá-la ou cremá-la". A resposta foi esta: "As duas coisas. Não devemos facilitar!".

Perante um júri de Viena apareceu um velho acusado de ter roubado um aparelho de televisão. O juiz: "Como é que o senhor na sua idade aí da foi rougar um TV?" O acusado: "Perdão, Senhor juiz, na minha juventude não existiam".

O Maneca fazia as suas viagens de negócio sempre acompanhado de sua esposa, que era uma mulher de uma "feição notável". Um amigo o perguntou certa vez, porque não viajava sózinho; porque sempre levava a esposa em companhia. O Maneca então respondeu: "Meu velho, custa-me muito dar-lhe o beijo de despedida".

Psicologia infantil: A mãe está na cozinha lavando a louça, ajudada pela filha maior. O pai e o Luizinho estão escutando rádio. De repente ouve-se ruído de louça quebrada. Segue-se um silêncio absoluto. Luizinho para o pai: "Foi a mamãe". O pai: "Como é que você sabe?". O menino: "Ela não gritou com ninguém!".

Um amigo a outro: "Despedi a cozinheira; ela cozinhava muito mal". O outro: "Que bom se eu pudesse fazer o mesmo!". "E porque não o fazes?". "Porque lá em casa, quem cozinha é a minha mulher!".

Diário de um Agente Itinerante (II)

Theobaldo Costa Jamundá

Quando Crispim Mira escreveu "Terra Catarinense" estava entre 37 a 38 anos, não é exagero admitir desfrutasse influência do livro do Conde Afonso Celso, "PORQUE ME UFANO DO MEU PAÍS" editado em 1901. Este livro abriu manifestação nacional que, ainda hoje tem resíduos.

Crispim Mira, defendeu atitudes nacionalistas no bom sentido de ser brasileiro nascido em Santa Catarina com todas as vantagens e ônus. Foi dominado por combatividade intelectual apreciável e fe do jornalismo profissional. Em "Terra Catarinense" é todo, um apresentador de geografia humana com preocupação literária atenuada com a incumbência de reporter. A valorização do território catarinense e o que nele existe, foi o seu objetivo maior. Trabalhou sua inspiração literária com a técnica dos contrastes fortes; não evitou a paixão ao colorir a mensa-

gem selecionada por sua vocação aguda de comunicador. Foi um divulgador de aspectos equipados apenas do saber escrever e ter coragem de escrever; como apresentador, foi tão seguro como destemido; não temeu o uso da palavra escrita.

Medeiros Vieira, é sóbrio e dentro de sobriedade conta impressões pessoais selecionadas no período de um ano e num vai-e-vem que, contados quilômetro por quilômetro alcançaram, aproximadamente, vinte mil. A descrição insinua tranquilidade, tolerância no lastro de uma paciência educada; os contrastes de sua paisagem escrita tem tonalidade suaves como se sempre as visse em aquarela. Vez ou outra deixa aparecer a forma de informação subliminar aspecto místico aveludado para não deformar o ritmo dos acontecimentos: são os encontros com as cruzes nos caminhos... As considerações do professor Maldonado... As dificuldades com os transportes... os quadros tomados à

poesia e ao drama do viver bucólico, onde conviveu um ano. "Diário de um agente itinerante", é livro para leitura vagarosa, os ângulos aborçados por Medeiros Vieira, são recolhidos do original apenas redacionados gramaticalmente, não foram trabalhados por uma preocupação literária. Em certo ponto de vista, Medeiros Vieira ganha o que o livro perde. É um documentário preparado com conotações autobiográficas coloradas por observador interessado nos quadros tomados à poesia e ao drama do viver bucólico. O seu valor maior, é ser registro de depoimentos onde em primeiro plano passa, o complexo da paisagem humana da Zona dos Campos de Lages, conforme a impressão causada. Desenvolvendo a segunda parte, Medeiros Vieira apresenta dispositivos doutros lugares juntados sob o título "A volta e outros itinerários". É ali que se encontra página antológica que, pelo seu valor transcrevo a seguir: (Continua)

Estante

CESAR LUIZ PASOLD
O SER LEIGO (II)
— Conclusão —

Os cinco laicatos são abordados minuciosamente pela autor. Para fornecer uma visão geral e comparativa entre o primeiro e o último tipo, destacamos os seguintes trechos: "A mais alta figura do laicato heróico é, sem dúvida, São Justino. Filósofo, ele veio ao Cristo por Platão. Convertido por volta de 130, longe de abandonar a filosofia, nutria-a com a fé e o mistério, primeiro em Éfeso e depois em Roma. Foi ele quem fez o Cristianismo penetrar no mundo da Cultura. Ensina ele que todos os princípios justos descobertos e expressos pelos filósofos, eles os alcançaram graças a uma participação do Verbo. Este doutor da fé jamais quis abraçar o sacerdócio, gostando de se dizer simples do rebanho cristão. Denunciado e preso em 13, após sua fé com intrepidez diante dos juizes e pagou com a vida esta última apologia". (pag. 16).

Esta a concepção de Henri Rollet sobre o laicato heróico, que no caso, ele corporifica na pessoa de Justino. Já com relação ao leigo de hoje, Rollet é mais conciso e mais contundente: "O leigo pós conciliar não ouve um apelo sem lhe responder. Sua

resposta será um ação. Marcadamente reletida, cuidad-samente preparada, sua realização p de exigir tempo, circunstâncias favoráveis, co-opeação. O essencial é que ela seja decidida, e decidida irrevogavelmente". (pag. 86).

Em toda esta obra que me foi apresentada com o pedido derápida análise, chamou-me atenção especial a noção de realização da pessoa humana exposta pelo autor da seguinte forma: "A noção de realização tem evoluído muito. Outora a imensa maioria dos homens pediam para ser alimentados, alojados, vestidos, tratados ocasionalmente, um pouco instruídos, um pouco distraídos. Hoje, isto é infinitamente mais extenso, em primeiro lugar porque a pessoa a se realizar revela-se muito mais complexa do que se julgava, e sobretudo porque o progresso e a democracia multiplicam as necessidades daqueles que os exprimem. As exigências fundamentais do passado, somam-se agora, cada vez mais, exigências complementares consideradas como essenciais. O homem moderno pede muito à vida — isto é, ao trabalho de seus irmãos. Quer ser informado, cultivado, motorizado, equipado em seu lar, continuamente divertido". (pag. 115).

O autor merece ser, antes de tudo respeitado, se não por outras ra-

zões, ao menos pela PS que opõem ao final da obra": "... que uma Igreja milenar te ha a coragem de r mper com uma longa e gloriosa tradição de serviço, que não hesie a empreender uma gigantesca, o espetáculo de que fui testemunha me fez perceber, muito além das pesquisas e daquilo com que os homens se devem defrontar, uma juventude e uma coragem que não teria perdido imaginar. No Concílio a Igreja me apareceu com vinte anos e senti o Espírito a conduzi-la". (pag. 198).

A posição de analista supõe uma imparcialidade. Não sei se temos conseguido atingi-la. Há, porém um esforço nesse em função desta concepção.

Dai porque os elogios são comedidos e as críticas procuram ser racionais e ponderadas.

Não posso classificar a obra em questão como magnífica. Não devo dizer que concordo com todas as idéias expostas.

Prendo apenas dar um aviso da obra toda, com destaque para aspectos principais, para concluir, sinceramente, que o livro merece nossa leitura atenta, principalmente pela atualidade do tema e pelo esforço de autenticidade de Henri Rollet no seu "OS LEIGOS APÓS O CONCÍLIO", publicado pela editora AGIR.



Vale do Itajaí

malhas



Hering

INFORMAM

Coordenador do FGTS fala a estudantes

BLUMENAU (Sucursal) — O Coordenador Geral do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço, Sr. Edmo Lima de Marca, proferiu sexta-feira importante palestra aos alunos do Centro Catarinense de aproveitamento de Pessoal, tendo por local o auditório da Fundação Universidade Regional de Blumenau. Durante a palestra o conferencista abordou aspectos do funcionamento prático do Fundo de Garantia, bem como as vantagens de opção do empregado.

A palestra foi precedida de entrevista coletiva à imprensa local, em coquetel na residência do presidente do Cceap, Sr. Paulo Malburg. Participaram do encontro os Srs. Danilo Rupp — Coordenador Regional do FGTS; Vereador Dieter Hering; Hans Prayon — Diretor da Companhia Hering Industrial; Lothar Schmidt — Presidente da Associação Comercial e Industrial de Blumenau; Maximiliano Dallarosa — Coordenador Regional do Cceap; professor Rodolfo Xavier; Fernando da Câmara Canto Rufino; Waldir Rigoletto — agente do Inps Léo Kriszostomo. O Sr. Edmo de Lima de Marca retornou ontem à Curitiba, acompanhado do Sr. Danilo Rupp, seguindo hoje pela manhã para a Guanabara.

Itajaí já escolheu o seu operário padrão

ITAJAÍ (Correspondente) — O operário Nildo Potter será o representante itajaense no concurso para escolha do Operário Padrão de Santa Catarina de 1970, promovido pelo Núcleo Regional do Sesi e Jornal O ESTADO. O representante local é operário da Companhia Catarinense de Cimento Portland e concorreu com os Srs. Luiz Carlos Custódio, Otto Ronchi, Luiz Gonzaga Werner, Mário Olegário, Osvaldo dos Santos e Gerl Mohr. No próximo dia 15 o Sr. Nildo Potter estará na Capital concorrendo com mais de vinte representantes de todo Estado.

De outra parte, o Serviço Social da Indústria firmou convênio com o Sr. James Lenzi, da empresa exibidora de filmes "Cine Luz", visando dar aos primeiros sábados de cada mês uma sessão especial aos filiados da entidade ao preço de Cr\$ 0,10, proporcionando um bom entretenimento

aos trabalhadores e familiares. Também ficou determinado para o próximo dia 16 a realização do teste aos candidatos ao curso de teatro. O local do teste será o salão paroquial da Igreja Matriz, às 19h30m.

EM BLUMENAU

O Núcleo Regional do Sesi de Blumenau marcou para o próximo dia 15 de novembro a inauguração do novo prédio que abrigará a entidade. A nova sede, em fase de acabamento, está situada à Rua Angelo Dias e suas amplas instalações possibilitarão maior frequência e melhor atendimento aos associados. Entre outras pessoas já confirmaram suas presenças na inauguração o Sr. Tomaz Pompeu Brasil de Souza, Presidente da Confederação Nacional das Indústrias e o Sr. Gilberto Mendes de Azevedo, Presidente do Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria.

Prefeito de Pomerode veio à Capital

POMERODE (Sucursal de Blumenau) — O Prefeito Mário Jung foi recebido em audiência pelo Governador Ivo Silveira, ocasião em que tratou de diversos problemas ligados com sua administração. Na oportunidade, juntamente com o Secretário-Executivo do Plameg, engenheiro Cleones Bastos, foi examinada a possibilidade da construção de novas pontes e rodovias municipais, destruídas pelas fortes chuvas caídas no município nos primeiros meses do ano.

Depois de acertar diversas soluções junto a administração estadual, o Chefe do Executivo de Pomerode participou em Joinville da reunião que criou a Fundação Intermunicipal para o Desenvolvimento de Santa Catarina, da qual participou o engenheiro Colombo Salles. Na ocasião, o Sr. Mário Jung entregou ao futuro governador de Santa Catarina um memorial contendo subsídios do município ao Projeto Catarinense de Desenvolvimento, bem como uma série de reivindicações locais.

De outra parte, o Prefeito Mário Jung presidiu o ato de encerramento da Semana da Saúde de Pomerode. Ao ato, que realizou-se nas dependências do Ginásio Professor Anacleto Damiani, estiveram presentes grande número de autoridades municipais.

Blumenau constrói seu ginásio de esportes

BLUMENAU (Sucursal) — Dois processos foram aprovados em segunda discussão pelo Legislativo Municipal, durante a sessão extraordinária realizada sexta-feira. Com a aprovação do processo nº 1.064, ficou aprovado o projeto de lei nº 54/70, autorizando o Prefeito Evelásio Vieira a firmar convênio com o Núcleo Regional do Sesi para a conclusão das obras de construção do Ginásio de Esportes Municipal. O segundo processo aprovado de nº 1.381, trata do projeto de lei nº 58/70, que concede auxílio de Cr\$ 2.500,00 ao Movimento Familiar Cristão, através de crédito especial.

Finalmente, foi examinado o processo nº 1.382, contendo o projeto de lei nº 59/70, que ficou para ser aprovado em terceira discussão. Esse projeto autoriza o Chefe do Executivo a doar um imóvel situado na Rua Sete de Setembro ao Tribunal Regional do Trabalho para a instalação da sede própria da Junta de Conciliação e Julgamento de Blumenau. Esse projeto, que deveria ser aprovado sexta-feira, será examinado hoje em terceira discussão, pois diversas manifestações foram feitas pelo vereador Victor Fernando

Sasse afirmando que a construção naquela localidade criaria uma série de entraves para o funcionamento da justiça e para o tráfego de Veículos, alegando que seria mais conveniente a construção do prédio junto ao complexo do Centro Cívico.

A opinião do edil foi contestada pelo colega Luiz Antonio Soares, lembrando que a Prefeitura Municipal tem prazo até o próximo dia 15 para remeter ao Tribunal Regional do Trabalho a documentação comprovando a existência de uma área de terras para a construção da Junta de Conciliação e Julgamento local.

COM LOJISTAS

Será ainda na corrente semana a reunião do clube de Diretores Lojistas com integrantes da Câmara Municipal, quando serão examinados os projetos municipais de Blumenau.

Na oportunidade, será estudada a alteração na escada com a introdução do terreno municipal recentemente decretado pelo Prefeito Evelásio Vieira no dia 2 de setembro, data da fundação da cidade.

Moradores de Camberiu têm protesto

CAMBORIÚ (Sucursal de Blumenau) — Está marcada para às 10 horas de hoje nas dependências do Hotel Marambaia uma reunião de proprietários de imóveis situados junto a orla marítima para examinar a recente determinação do Prefeito Armando César Ghislândi, visando o recuo de 6 metros dos terrenos particulares. O encontro contará com a presença da grande maioria dos proprietários de imóveis situados naquela área e foram convidados o Chefe do Executivo Municipal, o Secretário Executivo do Plameg, engenheiro Cleones Bastos, Vereadores e o Secretário de Obras da Municipalidade. Durante o encontro, os proprietários de terrenos entregarão um memorial ao Prefeito. Armando Ghislândi desaprovando a medida do Executivo e relacionando uma série de outras sugestões para o embelezamento do Balneário.

Barracão vai receber energia

GASPAR (Sucursal de Blumenau) — O setor Blumenau das Centrais Elétricas de Santa Catarina concluiu os trabalhos de implantação da rede de transmissão e distribuição de energia elétrica na localidade de Barracão, no município de Gaspar. A inauguração deverá ocorrer em breve, possibilitando o funcionamento da usina de asfalto da firma Triângulo encarregada do repcapeamento asfáltico da rodovia Jorge Lacerda, ligando Gaspar a Blumenau. A nova linha tem 8 quilômetros de extensão e possui 3 transformadores de voltagem.

De outra parte, a Prefeitura Municipal de Itajaí continua na colocação de novas luminárias de vapor a mercúrio na Rua Hercílio Luz. As novas luminárias são de 500 watts, iluminando três vezes mais do que as atuais, muitas das quais quebradas. Com mais essa providência do Prefeito Júlio César a principal rua de Itajaí estará mais embelezada.

Lauro Lara



A bela senhora Dr. Joarez Noga, Dona Sônia, um dos ornamentos da nossa sociedade, em foto de Dietz.

Mais de oitenta senhoras compareceram na tarde de sexta-feira à residência da senhora Júlio Zadrozny, Dona Traute, por ocasião do "lunch" que lá era oferecido. A renda será destinada à Feira da Providência.

Emiliano Queiroz, Mãe Coragem e o Médico da novela "Irmãos Coragem" foram conhecer "in loco" o Bar Bar Ela. E foram ficando... e foram ficando.

Aniversariando hoje a elegante senhora Dr. Luiz Procópio Gomes, Dona Aglaécia, um dos belos rostos que enfeita a sociedade Blumenauense.

Parabéns hoje também para um brotinho lindo — Célia Tereziinha Gomes, filha do casal Gilberto e Valtrudes. Desde ontem com

idade nova a jovem Salette Weiler, filha de Francisco e Elisabeth, ela um dos belos ornamentos da sociedade de Corupá.

Dia 26 de setembro o "Carnaval da Primavera" na Sociedade Dramático Musical "Carlos Gomes, com "Erinho e Orquestra". Uma grande badalação do "Carlos Gomes Junior".

Dr Paulo Malburg, a elegante Dona Suely (ela de midi vermelha com blusa preta e botas) recebendo na sexta-feira, na sua alinhada residência o Dr. Edmo Lima de Marca, Coordenador Geral do FGTS. Lá também estavam, no coquetel, Danilo Rupp, Coordenador Regional do Fundo, Maximiliano Dallarosa Coordenador dos Cursos do Cceap, Dr. Prefeito Evelásio Vieira, Câmara Rufino, Léo Kriszostomo, Dr. Waldir Rigoletto, Lothar Schmidt, Hans Prayon, Dieter Hering e Prof. Rodolfo Xavier.

Mais tarde quem chegou foi a elegante senhora Dieter Hering, Dona Ina, trazendo presente para Dona Suely Malburg.

Dr. Paulo Malburg viajou ontem para Curitiba, Londrina, Uberaba, Campinas e São Paulo, devendo retornar no dia 22.

Antes que me esqueça, no coquetel dos Malburg desontavam, "Buchanan's", "Pass port" e "Robbie Burns", tudo no mais alto estilo.

Clube Blumenauense de Caça e Tiro enviando convite para o "Baile da Primavera" no dia 19 do mês. Aliás, o convite veio para o sócio 224.

MÃO DE OBRA PARA CONSTRUIR E REFORMAR NÃO É MAIS PROBLEMA

R. Andrade, firma empreiteira especializada em mão de obra para construção, reformas e acabamentos de alvenarias e madeiras, preços módicos.

Aceita-se construção pela Caixa Econômica e Ipesc. Tratar — R. Nunes Machado, 7, 1º andar, sala 4 — Florianópolis

Vencedores do desfile foram premiados

ITAJAÍ (Correspondente) — Realizou-se às 17h30m de sexta-feira, no salão nobre da Câmara Municipal, a entrega dos troféus aos diretores de estabelecimento de ensino que tiveram melhor apresentação durante os desfiles estudantis no Dia da Independência. Em primeiro lugar colocou-se o Colégio e Escola Técnica Pedro Antônio Fayal, seguido do Colégio Salesiano, considerados os melhores em fanfarras. A melhor alegoria apresentada foi do Colégio São José e o Ginásio Normal Nilton Kucker apresentou melhor garbo nos desfiles. A promoção foi da Comissão Municipal de Turismo de Itajaí, procurando despertar nos escolares maior participação nos eventos cívicos.

Faculdades não aumentam mensalidades

ITAJAÍ (Correspondente) — O professor Mário Juarez, Diretor da Fundação Itajaense de Ensino Superior, desmentiu ontem as notícias veiculadas na cidade pelas quais a entidade estaria examinando o novo aumento dos preços das mensalidades nas faculdades locais, ainda no corrente ano letivo. Esclareceu que tais estudos referem-se ao próximo ano escolar, sendo que o percentual do aumento ainda não ficou definido, afirmando que "não se registrará um aumento exorbitante como pensam os universitários".

Fazendo um paralelo dos preços mensais cobrados pelas outras unidades revelou o professor Mário Juarez que os universitários de Itajaí não podem reclamar dos quarenta cruzeiros cobrados mensalmente pelas faculdades, pois em outras unidades da Federação a mensalidade é bem mais alta. Finalizou dizendo que a Municipalidade não pode arcar com toda a despesa das faculdades.

"Casa das Louças"

(Cherem Netto & Cia. Ltda.)

A MAIS ESPECIALIZADA DO RAMO — OS MELHORES PREÇOS ESTREITO — RUA GAL. LIBERATO BITTENCOURT, Nº 200

— Em frente à churrascaria "Faisão"

Jogos de Jantar — Chá — Café — Jogos de Cristal e Vidro

Tudo para Restaurantes — Bares — Hotéis.

Artigos para presentes (Bódas de Prata — Ouro, etc)

Peças avulsas — pratos — xícaras — canecas — vasos — bibelôs — leiteiras — açucareiros, etc.

Faz reposição de peças de jogos de porcelana, de qualquer marca e de cristais Hering.

JENDIROBA AUTOMOVEIS

Financiamento até 24 ou 30 meses

Rua Almirante Lamego, 170 — Fone: 2952 — Florianópolis — S. C.

CORCEL luxo 2/p	ano 1967
CORCEL stand 4/p	ano 1969
VERANEIO	ano 1969
KARMANN-GHIA	ano 1969
OPALA v/côres	ano 1969
ESPLANADA v/côres	ano 1969
VOLKSWAGEN	ano 1969
ITAMARATI	ano 1968
ITAMARATI	ano 1966
REGENTE	ano 1967
EMISUL	ano 1966
CHEVY	ano 1962
RURAL 4 x 4	ano 1968
RURAL	ano 1967
RURAL	ano 1965
GORDINI	ano 1966
GORDINI	ano 1965
AERO	ano 1965
AERO v/côres	ano 1964
KOMBI	ano 1962
KOMBI	ano 1958
CHEVROLET	ano 1966
LANCHAS A TURBINAS	ano 1970
FINANCIAMOS ATÉ 24 OU 30 MESES	

LOBO & DAUSSEN — CIA. LTDA.

COMERCIO DE AUTOMOVEIS E OFICINA

Rua Dr. Fulvio Aducci, 952

VENDE — TROCA — FINANCIA — PONTO CERTO PARA BOM NEGÓCIO

TEMOS PARA VENDA:

Simca Emistul	ano 66
Simca Tufão — motor novo	ano 65
Simca Tufão	ano 65
Aérol Willys	ano 63
Aérol Willys	ano 62
Gordini — estado de novo	ano 66
Volkswagen	ano 69
Volkswagen	ano 68

CAMPANHA EM DEFESA DA ECONOMIA POPULAR

"CADEP"

UNINDO CONSUMIDORES, COMERCIANTES E GOVERNOS EM PROL DA ECONOMIA DOMESTICA,

— Atua contra a especulação na comercialização dos gêneros e produtos de primeira necessidade.

— Evita as extorsões e o mercado negro pelo entendimento entre comerciantes e a SUNAB.

— Estimula a contenção do custo de vida.

SUNAB

Rua Tenente Silveira, 77 — Telefone, 3540
Florianópolis — SC

DONA DE CASA:

— Próximo à sua residência, por certo existirá um deles.

— Os estabelecimentos ao lado integrados na Campanha em Defesa da Economia Popular, devem merecer sua preferência.

CENTRO

A Soberana
Amaro Martins dos Santos
A. M. Prazeres
Bernadino Manoel Nunes
Bar Alameda
Casa Ademir
Castilho Manoel dos Santos
Comercial Silva Ltda.
Cássio Ávila dos Santos
Diamantaras & Cia Ltda.
D. Pereira
Empório Mori Ltda.

Espindola & Cia Ltda.
Fiambria de Bona Sandrini
Fiambria de Fátima
Fiambria São João
Francisco Gonçalves Filho
Georgio Stravos Koufos
Herminio A. Silva
Ilza Dutra Vieira
João Ismael Coelho
K. Miyahara
Leosvaldo Espindola
Maria Cardoso Kowalski
Mercedes Spinosa
Norberto Kuhnen

Organizações Koerich
Organizações Koerich
Organizações Koerich
Organizações Koerich
Organização Ilha Sul Ltda.
Orlando Elpo
Paulo Queiroz
Queiroz e Suene
Secundino Lemos Filho
S. Sandrini Fretes
Vanderlei Manoel Amaro
Waldemar de Souza
Wilson de Medeiros
Zulma Silveira Avila

Francisco Jovita Vieira
Geraldina Maria da Costa

Irmãos Domingos Ltda.
José Rosa
Luiz João da Silva
Maria da Cunha Lisboa
Maria Godinho Simas
Manoel Germano Ferreira
Manoel de Souza
Paulino Manoel Cardoso

Ailta Gonçalves
Casa Mafra
Célio Meira
Corina Maria Cordeiro

Ernesto José Nunes
Narinho Feliciano
Zinder José da Silva Filho

Iraí Couto Rosa e Silva
Feliciano Martins Vieira
Manoel Machado
Maria Catarina Vieira & Cia.

R. Tiradentes — 43 — 45
R. Major Costa — 138
R. Almirante Lamego — 220
R. Demétrio Ribeiro — 7
Alameda Adolfo Konder — 3
R. Cruz e Souza — 68
Mercado Público — 18
R. Padre Schraeder — s/n.
R. Clemente Rôvere — 64
Av. Mauro Ramos — 211
Av. Mauro Ramos — 210
Av. Mauro Ramos — S. Mercado — 9

R. Gal. Bittencourt — 133
R. Felipe Schmidt — 102
R. Arcipreste Paiva — s/n.
Praça Lauro Müller — 6
R. Laura Caminha Meira — 41
R. Duarte Schutel — 54
Mercado Público — 27, interno
R. Des. Nelson Nunes — 6
P. Crispim Mira — 71
Mercado Público — 27
P. Conselheiro Mafra — 21
R. Jairo Callado — s/n.
R. Conselheiro Mafra — 112
Av. Mauro Ramos — S. Mercado — 32

R. Conselheiro Mafra — 10
R. Deodoro — 37
R. Vitor Konder — 29
Av. Hercílio Luz — Rodoviária
R. São Jorge — 17
Mercado Público — 26
P. Bocaíuva — 226
R. Tomás João dos Santos — 12
R. Major Costa — 54
R. D. Jaime Câmara — 1
Mercado Público — 19
R. João Carvalho — 70
R. Conselheiro Mafra — 23
Praça Gal. Osório — 50

AGRONÔMICA

R. Ruf Barbosa — 124
R. Alm. Carlos da S. Carneiro — 27.

R. Frei Caneca — 66
R. Servidão Franzoni — s/n.
R. São Vicente de Paula — 77
R. São Vicente de Paula — 42
R. Frei Caneca — 121
R. São Vicente de Paula — 77
R. São Vicente de Paula — s/n.
R. Servidão Franzoni — 18

TRINDADE

R. Lauro Linhares — 250
R. Delminda Silveira — 233
R. Delminda Silveira — 243
R. Capitão Romualdo de Barros — 267

R. Lauro Linhares — 207
R. Lauro Linhares — 345
R. Lauro Linhares — 71

SACO DOS LIMÕES

R. Manoel G. Santos — s/n.
R. João Mota Espezim — 525
R. Custódio F. Vieira — s/n.
R. João Mota Espezim — 354

PANTANAL

Maria Gertrudes da Silveira

R. Cap. Antônio Edú Vieira — s/n.

PRAINHA

Alcioneu Francisco Martins
Arnaldo Luz
Célia Nazário
Jairo Luiz Brognoli
Osvaldo Machado
Zilda Espindola Machado

R. Silva Jardim — 149
R. Silva Jardim — 168
R. Silva Jardim — 192
R. José Maria da Luz — 88
R. José Maria da Luz — 30
R. Servidão Furtado — s/n.

ESTREITO

A Soberana
Abelardo Martinho da Costa
Adelaide Maria de Oliveira
Adílio David de Mattos
Aleixo Alves de Souza
Alzemiro Lorêncio Rios
Ascendino Hermenegildo Rosa
Bertinus Janning
Celina S. Guoio
Eurico Eger
Irmãos Santos & Cia. (Casa do Arroz)

Irmãos Vieira Ltda.
Fiambria Adriana
Fiambria Caturra Ltda.
Hercílio Fernandes & Irmão
Maria Conrado
Manoel José de Andrade
Merceria e Bar Coral
Merceria Costa
Merceria Duarte
Merceria União
Nelson Máximo Santa
Orlando Graciosa
Ofélia Iná de Souza
Padaria Kdelicia
Paula Becker Grütner
Sofia Freitas Pereira

Wilson Valdemiro Rios

R. Cel. Pedro Demoro — 1.662
R. Marcelino Simas — s/n.
R. Dr. Fúlvio Aducci — 648
R. São José — 376
R. Dr. Fúlvio Aducci — 412
R. São José — 426
R. Souza Dutra — 724
R. Santos Saraiva — 289
Super Mercado
R. Castro Alves — 133
R. A. Queiroz de Barros — 30

P. Max Schramm — 941
R. M. Schramm — 65
R. Dr. Fúlvio Aducci — 525
R. Max Schramm — 237
R. Tupinambá — 447
R. Felipe Neves — 646
R. Santos Saraiva — 809
Av. Santa Catarina — 347
R. São José — 494
R. Cel. Pedro Demoro — 1.776
R. José da Silva — 48
R. Max Schramm — 1.684
R. José Cândido da Silva — 292
R. Santos Saraiva — 1.990
R. Cel. Pedro Demoro — 1.529
R. Manoel de Oliveira Ramos — 398
Av. Santa Catarina — 510

CAPOEIRAS

Argemiro Melo Guimarães
Cedório Manoel dos Santos
Valdir Antônio de Jesus
Zilma Clara de Abreu

R. Dib Cherem — 310
R. Dib Cherem — 591
R. Joaquim Carneiro — 661
R. Des. Gil Costa — 203

COQUEIROS

Abelardo Antônio da Costa
Abílio Machado
Augusto Estevão da Silva
Célia de Souza Valente
Cesar de Almeida Barreto
Fiambria e Merceria Coqueiros
Fiambria e Merceria Prámar
João da Silveira Filho
J. S. Almeida

R. Cap. Euclides de Castro — 7
R. João Meirelles — 1.218
Beço do Júlio — s/n.
R. Jau Guedes da Fonseca — s/n.
R. Euclides de Castro — 720
R. Max de Souza — 893
R. Max de Souza — 1.190
R. São Cristóvão — 170
R. Santos Lostada — 325

CAMPINAS

Orlando Elpo

Av. Presidente Kennedy — 83

COSTEIRA DO PIRATUNGA

Nadir João Dutra
Tercília Ana Bernardo

RIBEIRÃO DA ILHA

Vva. Norberto E. da Silva & Cia. Ltda.

"Preços Cadep"

SUNAB INFORMA AS DONAS DE CASA
A VIGORAR DURANTE O MES DE SETEMBRO

PRODUTOS	UNIDADE	PREÇOS MAX.
Arroz japonês	granel 1 kg	0,75
Arroz agulha 404 especial	granel 1 kg	0,78
Arroz branco extra	granel 1 kg	0,84
Arroz amarelão extra	granel 1 kg	0,84
Arroz branco extra	pacote 5 kg	4,20
Arroz amarelão extra	pacote 5 kg	4,20
Açúcar refinado	pacote 1 kg	0,90
Açúcar refinado	pacote 5 kg	4,40
Banha de porco	granel 1 kg	2,30
Café torrado moído	pacote 1/2 kg	1,15
Extrato de tomate	200 gr	0,60
Farinha de mandioca	granel 1 kg	0,35
Farinha de trigo	pacote 1 kg	1,05
Farinha de trigo	pacote 5 kg	4,80
Feijão preto	granel 1 kg	1,30
Fubá de milho	pacote 1 kg	0,50
Fósforos	pacote 10 cx	0,50
Leite natural	1 L	0,58
Leite em pó integral	lata 454 gr	3,50
Leite em pó instantâneo	lata 400 gr	3,40
Lã de aço	pacote 6	0,30
Macarrão sem ovos	pacote 400 gr	0,80
Macarrão com ovos	pacote 400 gr	1,05
Massas para sopa	pacote 200 gr	0,55
Maizena	pacote 200 gr	0,60
Maizena	pacote 400 gr	1,05
Maizena	pacote 800 gr	1,90
Manteiga	pacote 200 gr	1,40
Margarina vegetal	tabletes 100 g	0,40
Mortadela	1 kg	4,20
Óleo de soja	900 ml	2,60
Papel higiênico popular	rôlo 1	0,25
Sal refinado	pacote 1 kg	0,40
Sal moído	pacote 1 kg	0,30
Sabão em pedaço peq.	1 p	0,23

OBSERVAÇÃO: Os preços máximos fixados na presente lista não abrangem todas as marcas comerciais. As casas participantes da CADEP estão obrigadas a ter pelo menos uma das marcas desses produtos por preços que não excedam aos fixados.

O ESTADO

Florianópolis, Domingo, 13 de setembro de 1970

Censo tem resultados preliminares

A Delegacia Estadual do IBGE já recebeu dados colhidos por recenseadores de 170 municípios catarinenses durante a primeira semana do Censo. Nesse período foram visitados 72.327 domicílios, sendo recenseadas 357.943 pessoas, número correspondente a 14% da população de Santa Catarina, segundo as estimativas da Fundação IBGE.

Em virtude das distâncias e dificuldades nas comunicações ainda não chegaram à Delegacia do IBGE dados colhidos em 27 municípios do Estado.

Em Florianópolis foram recenseadas 10.098 pessoas na primeira semana de trabalhos.

MAIOR PRODUÇÃO

O Sr. Américo Gomes do Amaral, Delegado do IBGE, informou que após as indecisões dos recenseadores surgidas nos primeiros dias de trabalho o Censo apresenta agora uma maior produção na coleta de dados. Na Capital a produção é maior nos fins-de-semana uma vez que a maioria dos recenseadores é constituída por universitários, que são obrigados a frequentar as aulas nos dias úteis.

O Delegado do IBGE fez uma comparação entre o Censo de 1960 e o atual. No último recenseamento foi registrada em Santa Catarina uma população de 2.146.909, distribuída por 379.654 domicílio, o que deu uma composição média de 5,5 pessoas para cada domicílio. Os resultados preliminares do Censo de 70 estão dando uma média inferior a cinco na composição das famílias, de onde se deduz que, embora as famílias tenham aumentado o número de pessoas que a compõe tem diminuído.

Esses resultados estão sujeitos a variação até o final do Censo, pois referem-se a dados colhidos apenas na primeira semana dos trabalhos.

Jaldir reuniu técnicos de educação

O Secretário da Educação, professor Jaldir Faustino da Silva, reuniu-se com os Coordenadores de Educação de 12 regiões do Estado, padronizando normas de ensino nos sistemas estadual e municipal. Também na oportunidade foi efetuada explanação sobre a Regulamentação da Reforma Administrativa da Secretaria da Educação.

Número de vagas na Ufsc em estudos

Os professores Carlos José Gevaerd, Nereu do Valle Pereira, Adalberto Ramos Campelli, Sílvio Coelho dos Santos, Edison Macedo e o acadêmico Ademar Cirimbelli foram designados para integrar o grupo de trabalho que efetuará estudos com vistas à fixação do número de vagas na Universidade Federal de Santa Catarina para o próximo ano.

O Sub-reitor de Planejamento da Ufsc, Sr. João Makowiecky, afirmou que o grupo de trabalho desenvolverá suas atividades em caráter de urgência, a fim de que possa apresentar seu relatório o mais brevemente possível.

Segundo as previsões os trabalhos deverão estar concluídos para o fim deste mês.

Técnicos vêm apurar denúncias sobre leite

O Subdelegado do Instituto Nacional de Pesos e Medidas em Santa Catarina, Sr. José Antônio Alves, declarou ontem a O ESTADO que o órgão vai apurar a procedência de denúncias, segundo as quais a embalagem plástica vendida aos consumidores do leite não comporta um litro do produto. A Subdelegacia ainda não havia recebido nenhuma denúncia de consumidor, tomando conhecimento da irregularidade pelos jornais. O Sr. José Antônio

Alves já solicitou à Delegacia do Instituto, sediada em Curitiba, a vinda de técnicos especializados para aferir a capacidade dos saquinhos plásticos dentro dos quais o leite é vendido ao consumidor. Os técnicos do Instituto Nacional de Pesos e Medidas procederão às investigações em datas incertas e sempre "de surpresa". A fiscalização será levada a efeito não somente na capital, mas também em Tubarão, Joinville e Blumenau.

Fiscalização de taxis

O Subdelegado do INPM referiu-se ainda ao uso indevido, por certos motoristas de taxis, da **bandeira-2** durante o dia, o que somente seria permitido se o percurso a ser coberto fosse superior a 10 quilômetros. O Sr. José Antônio Alves pediu aos usuários que costumam se utilizar de taxis para cobrir o mesmo trajeto, que denunciem qualquer excesso abusivo registrado no preço das corridas.

Outra irregularidade que a Subdelegacia vai coibir é a de motoristas que cobram Cr\$ 20,00 para conduzir passageiros ao Morro da Cruz, não vendo o Sr. José Antônio Alves motivos para que isso ocorra. Além do local se situar no perímetro urbano, essas corridas devem ter o preço regulado pelas **bandeiras 1 e 2**. Se o horário for o noturno a bandeira-2 regulará o preço.

O mesmo é válido para os taxis que são solicitados a conduzir passageiros ao Aeroporto. Todos estão usando **bandeira-2**, quando só poderiam fazê-lo a partir do **décimo quilômetro percorrido**. O Sr. José Antônio Alves advertiu que se o Instituto avistar um carro usando a bandeira-2 "ele será imediatamente recolhido de circulação".

Assembléia faz novo recesso para campanha

A partir de segunda-feira, e até o final da semana, os parlamentares estaduais estarão desobrigados de comparecer às sessões da Assembléia, para prosseguirem em suas campanhas eleitorais visando o pleito de novembro vindouro. A maioria dos deputados viajou para o interior na sexta-feira, logo após o término da sessão matutina, e os

poucos que aqui permaneceram marcaram viagem para segunda e terça-feira.

A movimentação é intensa nos meios parlamentares, tanto de parte da Arena como do MDB, prevendo-se que o pleito de novembro será um dos mais renhidamente disputados dos últimos tempos.

Aumento de deputados

De modo geral foi muito bem recebida a lei sancionada pelo Presidente Médici que prorrogou o prazo para a qualificação de eleitores. Dirigentes da Arena e do MDB viram na medida a possibilidade de aumentar o número de seus representantes com assento na Assembléia Legislativa e no Parlamento Federal e estão tomando providências neste sentido.

Pelo lado da Arena, o ex-Secretário e líder de bancada Celso Costa afirma que foi muito oportuna a determinação do Chefe da Nação, assinalando que em 30 de junho último, quando se expiraria o prazo para as inscrições de eleitores, milhares de processos ainda tramitavam nos cartórios eleitorais. Segundo ainda o Sr. Celso Costa somente no município de Caçador fo-

ram alistados 781 novos eleitores entre 30 de junho e 30 de agosto, novo prazo concedido. "e isto é uma prova de que o eleitorado catarinense aumentou o suficiente para que a Arena possa garantir mais uma cadeira na Câmara e no Senado". Acentuou que a Arena, com o número de eleitores elevando-se a pouco mais de um milhão, deverá eleger 27 dos 37 deputados estaduais que comporão a Assembléia para a próxima legislatura.

Por seu turno, o líder Pedro Ivo Campos, do MDB, disse que "cada nova vaga acrescida à representação política beneficiará sensivelmente a Oposição", acrescentando que o MDB espera fazer de 12 a 13 cadeiras na Assembléia e conquistar uma quarta vaga na Câmara Federal.

ACM tem plano para pronto socorro

O presidente da Associação Catarinense de Medicina, Dr. Murilo Capela, entregou ao Prefeito Ari Oliveira um documento contendo estudos preliminares para a instalação de um pronto-socorro em Florianópolis. Segundo fonte da Prefeitura o Sr. Ari Oliveira está demonstrando grande interesse na implantação desse serviço.

O documento foi entregue durante audiência que o Presidente concedeu a uma comissão da ACM, presentes também representantes do Consórcio Lohner Hospitalia Interco, integrados por firmas brasileiras e alemãs.

Tac apresenta Seu Tipo Inesquecível

O Teatro Alvaro de Carvalho apresentará terça-feira a peça **Seu Tipo Inesquecível**, de Eloy Araújo, encenada pelo Grupo União, de São Paulo. O espetáculo é dirigido por Fauzi Arap e ficará em cartaz até quinta-feira. Tereza Rachel faz o papel principal, sendo o espetáculo proibido para menores de 18 anos.

Para o período de 18 a 20 já está confirmada a apresentação no TAC da peça "Os Exercícios" de Lewis John Carlino, interpretada por Glaucê Rocha e Rubens de Falco e dirigida por B. de Paiva. Na terça-feira a peça **Seu Tipo Inesquecível** começa às 21 horas e os ingressos já estão sendo vendidos na portaria do Teatro Alvaro de Carvalho.

Técnico tem sua semana comemorada

A Escola Técnica Federal de Santa Catarina comemorará, no período de 16 a 22, a **Semana do Técnico**, integrando alunos e professores nas festividades. Durante uma semana a Escola estará aberta à visitação pública e aos escolares de outros estabelecimentos, numa programação que visa a integração Escola-Comunidade.

Alfabetizados 11 adultos de Florianópolis

A Divisão de Estudo para o trabalho da Legião Brasileira de Assistência, formou a 1ª turma alfabetizada pelo método Don Bosco. Onze adultos analfabetos aprenderam a ler e a escrever em trinta dias, encontrando-se dentre eles alunos com mais de 50 anos de idade. O Diretor Estadual da LBA, Dr. Murilo Pacheco da Motta, informou que tem sido excelente a receptividade dos cursos por parte dos adultos analfabetos. Sem constrangimentos, eles procuram a Divisão de Estudos para o Trabalho, matriculando-se nos cursos de alfabetização, o que vem ocorrendo não só na cidade mas no interior da ilha e cidades vizinhas. As matrículas para os cursos de nível profissional estão permanentemente abertas na sede da LBA, na Avenida Mauro Ramos, em Florianópolis.



Malinverni vai fazer o busto de Rubens Ramos

Marino Malinverni, escultor catarinense residente em Lages, esteve em Florianópolis colhendo subsídios para confeccionar o busto do Jornalista Rubens de Arruda Ramos na Avenida que tem o seu nome. O escultor foi convidado para realizar o trabalho pelo Deputado Ivo Reis Montenegro, presidente da Comissão encarregada de tratar da homenagem póstuma ao ex-Diretor de O ESTADO.

Marino Malinverni trabalha em escultura desde criança, tendo cursado a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Voltando a Santa Catarina dedicou-se ao magistério, período em que abandonou suas atividades artísticas, produzindo somente pequenas obras em momentos de descanso.

Após aposentar-se passou a produzir com maior frequência, tendo feito duas estátuas e dez bustos.

Considera seu melhor trabalho a estátua do Senador Celso Ramos, que ornamenta a Praça que leva o seu nome e a estátua do industrial Valério Gomes, localizada em praça de São João Batista.

O escultor afirma que dedicou grande carinho na confecção da estátua do Senador Celso Ramos, sendo seu trabalho fidejamentado pelo material fotográfico que lhe foi fornecido.

Também são obras de sua autoria o busto do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, introduzido na praça de São José por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro Sacerdotal do Arcebispo do Rio de Janeiro e o busto do Governador Ivo Silveira, situado em Urussanga.

Além da escultura Marino Malinverni também dedica-se à pintura e pretende expor seu últimos trabalhos brevemente nesta Capital.

O BIB não deixa você se perder no mercado financeiro.

Porque o BIB conhece muito bem esse mercado. E ajuda você a encontrar nele ótimos negócios:

Fundo Crescino • Condomínio Deltec • Certificados de Depósito Bancário • Letras de Câmbio • Certificados de Compra de Ações • Sudene • Sudam • Sudepe • Ações • Obrigações Reajustáveis • Títulos públicos.



BANCO DE INVESTIMENTO DO BRASIL

Carta Patente A-2941/66

Capital e Reservas: Cr\$ 50.384.000,00

Escritório Regional de Santa Catarina

R. ZIMMERMANN

Rua Tenente Silveira, n. 29 — Florianópolis

Rua 15 de Novembro, n. 1.312 — Blumenau



**“E preciso cantar
e alegrar a Cidade”**

“Mais que nunca é preciso cantar”.

Hoje, decorridos dez anos, a Associação Coral de Florianópolis parece ter levado a sério as palavras da canção popular.

Fundada a 10 de Setembro de 1960, tem conquistado, recital após recital, o seu lugar de destaque na história da arte musical em Santa Catarina.

Mais de 14 temporadas oficiais e duas populares, no final dos anos de 67 e 69 quando, em praça pública, cantou para o grande público, estão gravadas em sua carreira.

Suas vozes já ecoaram em grande parte do Estado, no Paraná e em São Paulo, sempre procurando levar, além de um programa clássico e popular, a música dos nossos autores, plenas de sol, com cheiro de maresia e com leves lufadas de vento.

Agora, dez anos depois, mudou o repertório; mais profundo e muito mais difícil que as singelas canções das primeiras apresentações. Novas vozes foram acrescentadas existe muito mais para contar.

Mas o ideal permanece o mesmo.

Hoje, decorridos dez anos, o nome musical de Florianópolis foi mais elevado e é mais aplaudido a cada recital.

O seu cantar é o nosso cantar.

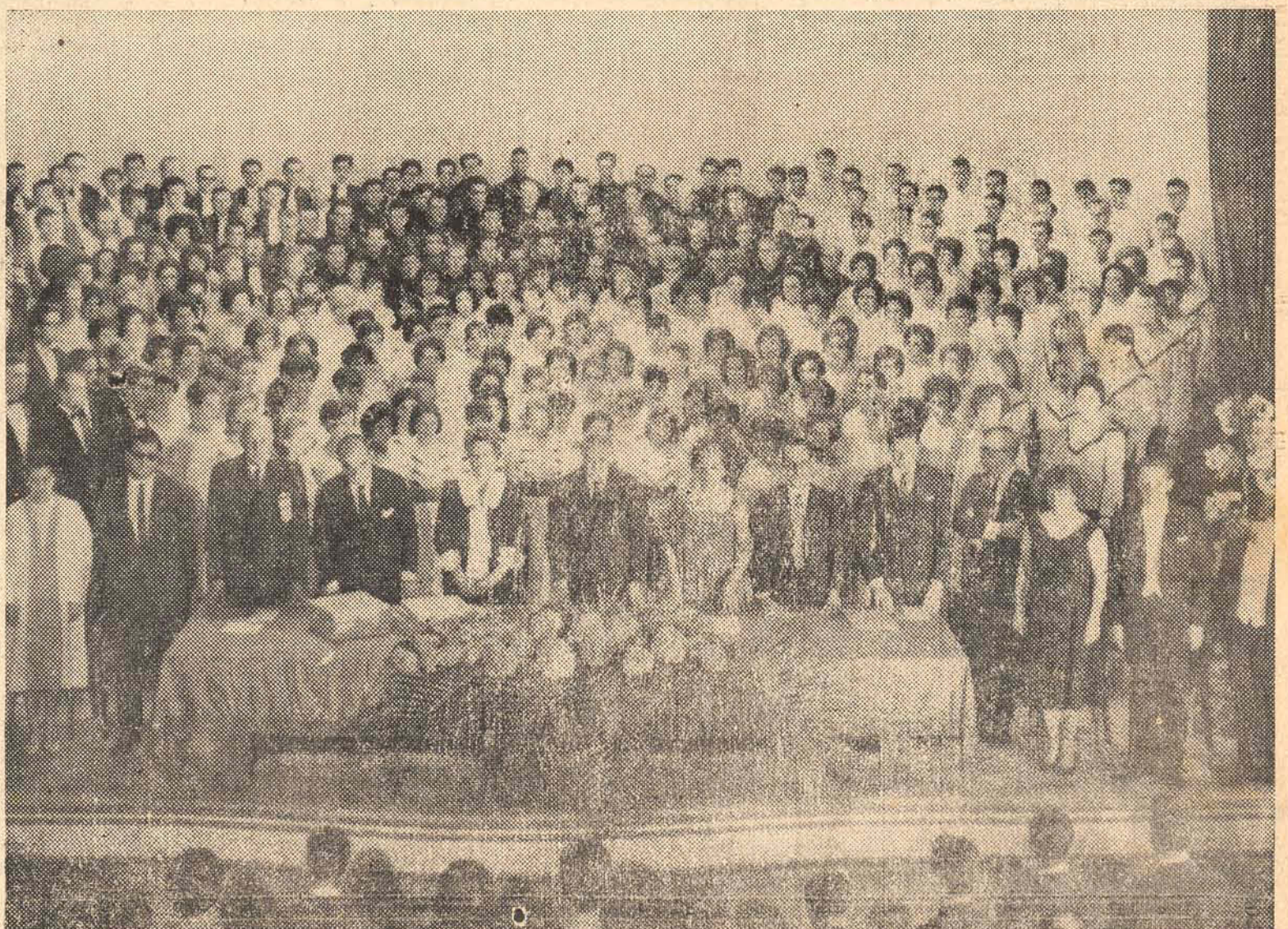
A sua vitória, a nossa vitória.

E a sua consolidação, um hino ao esforço e à boa vontade.



CADERNO 2

O ESTADO, Florianópolis, Domingo, 13 de setembro de 1970
EDITOR: Sergio da Costa Ramos



GAL

O volante rosa-desbotado flutuava na nuvem de papel de seda quimado a caminho da euforia e do som. Tínhamos pela frente as estrelas, o ar dis-poluído e ossó-carne-pele vestidos com truke-manera. A bandeira hasteada, tremulava enquanto animais urravam em volta sentindo o cheiro das presas. Estávamos na nossa: nada poderiam fazer, éramos os enviados para a missão do cordeiro e da voz.

Teatro João Caetano. Já é amanhã e Gal está curtindo o som. E que ela entrará em cena: o palco está iluminado, o público na dele com os primeiros acordes de "London London" na cuca.

Mas antes, Gal diz dela ou se não fosse ela-cantora.

— Sou muito musical, sempre gostei de cantar. Em pequena era vidrada nas cantoras da época e sempre pensava em ser uma delas. Agora sou. Ou não sou?

— As coisas aconteceram assim: sem mais nem menos. De um tempo prá cá foram consequências de Caetano, Gil e Janis Joplin. Não fiquei passiva diante do que estava acontecendo e fui modificando até chegar ao que sou. Estou na minha: tenho um público

certo que, realmente, eu gosto; canto o que quero e sinto, e vivo a minha maneira sem dar a mínima pra ninguém.

— Estou musicando letras de Capinam. Crio muito, musicalmente. Improviso demais. Daí a compor é um passo, o que é bom, inclusive para o meu próprio trabalho. São músicas jovens, com muita vitalidade, dentro da minha época e do meu esquema. Resolvi compor porque consegui uma abertura muito grande com minhas experiências nas apresentações públicas. Creio que o negócio funcionará.

A VIAGEM

— Viajarei para Portugal no encontro de Caetano e Gil, meus queridos. Lá faremos dois shows para a televisão, nos veremos o suficiente para matar a saudade, saberei das novidades e conhecerei Pedro, o filho de Gil. Ficarei em dia com os dois. Encontrarei o Guilherme Araujo, meu ex-empresário, para tratar de meu lançamento lá fora: gravações, apresentações e promoção da minha figura. Depois é London, London. Assinarei contrato com a Paramount

inglês para uma futura gravação e, a principal razão da minha ida a Inglaterra, assistirei ao festival de música POP na Ilha de Whight. Este ano a grande atração será Jimmy Hendrix, além de (novamente) Caetano e Gil. Filmarei tudo o que vir.

SE NÃO FOSSE ELA-CANTORA

— Se eu não fosse cantora, seria cineasta, tenho certeza. Eu não sei muito sobre cinema, mas gosto de mexer com o negócio. Aliás, está nas minhas cogitações fazer um filme ainda este ano. Não como atriz ou diretora, mas como produtora. O enredo deverá ser eu-mesma, isto é a minha vida. O diretor terá de ser um cara novíssimo, um Sganzerla, por exemplo.

— Hoje passei a tarde toda no Parque da Cidade filmando. Filmei tudo o que via: a Vilma, os pássaros, as plantas, as crianças...

— Também me amarro em fotografia. Principalmente revelar — a gente desliga-se da máquina e cria.

BETHANIA

Bethânia é uma ótima cantora e fantástica pessoa. E até maravilhosa. Acho, no entanto, que ela parou no tempo, não criando nada

de novo que viesse ao encontro dos jovens — agrada a uma minoria. Ela é inteligente e sabe do que está falando.

— Nós nos damos muito bem. Mas é aquele tipo de amizade de pouco contato: nos vemos uma vez ou outra e o diálogo é bastante cordial.

FESTIVAL POP E O AMOR

— O Festival POP da ilha do Fundão reunirá jovens ávidos de coisas novas e, lá, tenho certeza, acontecerá alguma coisa de muito importante. E vital que se faça esse movimento e é uma pena eu não estar presente.

— Ligo o jovem com o amor. E a sequência natural que ninguém poderá derrubar. O amor está ligado a tudo, principalmente no meu caso. Eu sou tímida mas apaixonada pelas coisas. Gosto das pessoas e de fazer coisas novas: tenho uma necessidade interior e vital de criação.

Gal voa no palco. E o cordeiro que ama a vida e tem medo de desaparecer no meio do sol que gira. O amarelo, o vermelho, o sangue e a lua não destruíram a pessoa que quer.



Marcelo, cantor e compositor



Angela Rô-Rô, cantora

Beto Stodieck

(conta como seria o Festival proibido)

Pop de leve, mas não devagar

— Socorro! nossas riquezas nacionais estão sendo espoliadas! Se você ainda está assim devagar, só porque Led Zeppelin curte a dele nas rádios tupiniquins, então desligue, porque o programa é Pop, são três dias de som, madrugada adentro, até o sol, todo mundo de leve, num gigantesco "love-in", um maravilhoso "how".

O êxtase Quando a primavera chegar Em setembro na Cidade Universitária da Ilha do Fundão E o I Festival da Música Pop — Gênesis 1965 soar livre Debaixo das estrelas.

em byron ninguém morreu Um quase arquiteto, um quase jornalista, um quase sociólogo e um quase advogado partiram para a formação do grupo Gênesis e, na medida em que eles se completam, recusam-se a existir nominal e profissionalmente como pessoas isoladas.

Com eles não quem é quem. — Queremos existir como grupo. E uma experiência que tentamos, em nível comunitário. Talvez dê certo. Talvez não. De qualquer forma, só a prática determinará a abertura que teremos. Questão de coerência.

Sem entrar no mérito dos outros festivais do outro lado, o grupo entende que faltou-lhes a necessária liberdade em termos de criatividade.

— Estava faltando um festival que permitisse um total descompromisso em termos comerciais, para que cada um fizesse no palco, e do palco, seu laboratório de pesquisas. Nesse sentido, Gênesis,

com seu festival no Fundão, assegura aos participantes um ambiente propício às suas novas formas musicais, e um contrato direto com um público capaz.

Então, Gênesis 1965 está justificado.

Se cola? Este mês, no Festival da Paz, no Canadá, o primeiro-ministro Trudeau prometeu alojamento e alimentação para um milhão de pessoas, por quatro dias. E uma bolação do beatle John Lennon, com Ringo e George Harrison.

No Irã, o Xá Rhezza Pahlevi convocou os jovens para que promovam um festival semelhante.

Em Byron, Geórgia, sul dos Estados Unidos, a Prefeitura colaborou com um festival desses, depois do que o prefeito exclamou:

— Byron foi a única cidade grande de todos os Estados Unidos em que durante três dias não houve um crime de morte, sequer.

Houve um pau, sim, em Newark, mas culpam a Polícia de haver apelado para tiros, cassetetes e gás lacrimogêneo, o que revoltou o público.

O festival do Woodstock foi o mais importante, dele resultou um documentário dirigido pelo premiado Michael Wadleigh, e ainda um álbum com três discos, já lançado no Brasil.

Na Inglaterra, o festival maior foi o da ilha de Whight, em que Bob Dylan fez sua rentrée. Este ano tem bis, com Jimmi, Hendrix, Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Ano passado, verão, a grama do Hyde Park, em Londres, aco-

lheu com mil pessoas que lá ouviram os Rolling Stone, Blind Faith, por aí. Na Bélgica, armou-se um circo gigante para o festival comandado por Frank Zappa e embalado no êxtase do The Pink Floyd. Na França, um circo também leva o festival a todas as cidades.

Agora é aqui, no Fundão. Em setembro, quando a primavera chegar.

quem vai de embalo?

Entende? A harmonia das coisas, frequentemente, nasce da desordem dentro das quais elas se criam. A música contemporânea e, especificamente, a Pop, após uma primeira fase de confusão e afirmação — a ponte tese-anttese, mora? —, definiu seu caminho sob a influência da citara de Ravi Shankar e dos velhos ritmos anglo-saxões do Rockn Roll e dos blues.

Deixado para trás o bric-à-brac de ritmo e harmonia, essa música hindu e eletrônica, nascida na Inglaterra, invade os Estados Unidos onde são criados os Fillmore Auditorium e o Avalon Ball Room, templos do som psicodélico.

O espetáculo deixa de ser apenas sonoro, é também visual — light show —, é também sensível — incenso espalhado pelas salas.

Então, a percepção acorda em toda sua potencialidade. Está criada uma integração música-ambiente-público. E o espetáculo total. Entregue-se. Ame.

Partindo daí começam os concertos ao ar livre, no campus uni-

versitário ou numa grande área abandonada perto de uma pequena cidade.

O empuxo veio naturalmente do under-ground — onde mora o descompromisso com as estruturas onde corre uma seiva, um sangue potencialmente livre.

E o espetáculo total firma-se ao ar livre. As pessoas sentam-se ou deitam-se no chão... a liberdade de cada um estabelece o compromisso de todos na formação da comunidade.

As músicas raramente têm menos de dez minutos de duração. A improvisação é total, nada de marcação rígida, não há nada empacotar para o posterior consumo.

E este o convite da pesada, para quando a primavera chegar.

Em setembro, das 20 horas do dia 5 até às 7 da manhã do dia 6. E no dia 6, domingo, o embalo pega das 16 horas e rompe até a madrugada do dia 7, já entrado o feriado maior da Pátria.

Quem vai? Você, o grupo Gênesis, Macalé, Paulinho da Viola, Milton Nascimento e Som Imaginário, Pitti, o garoto Marcelo. Os Novos Baianos, Laboratório de Sons Estranhos, Soma, Baby Consuelo, Mercado, Mutantes Angela Rô-Rô e mais grupos e cantores, vinte ao todo.

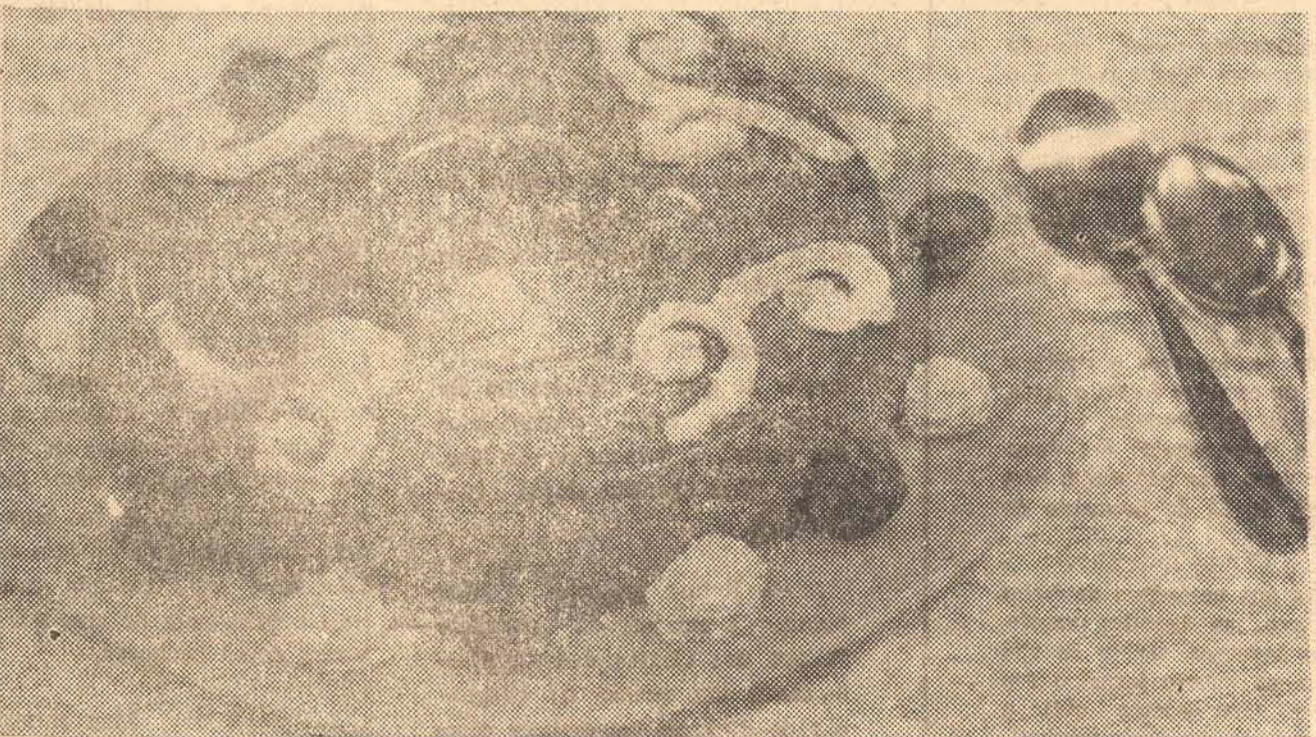
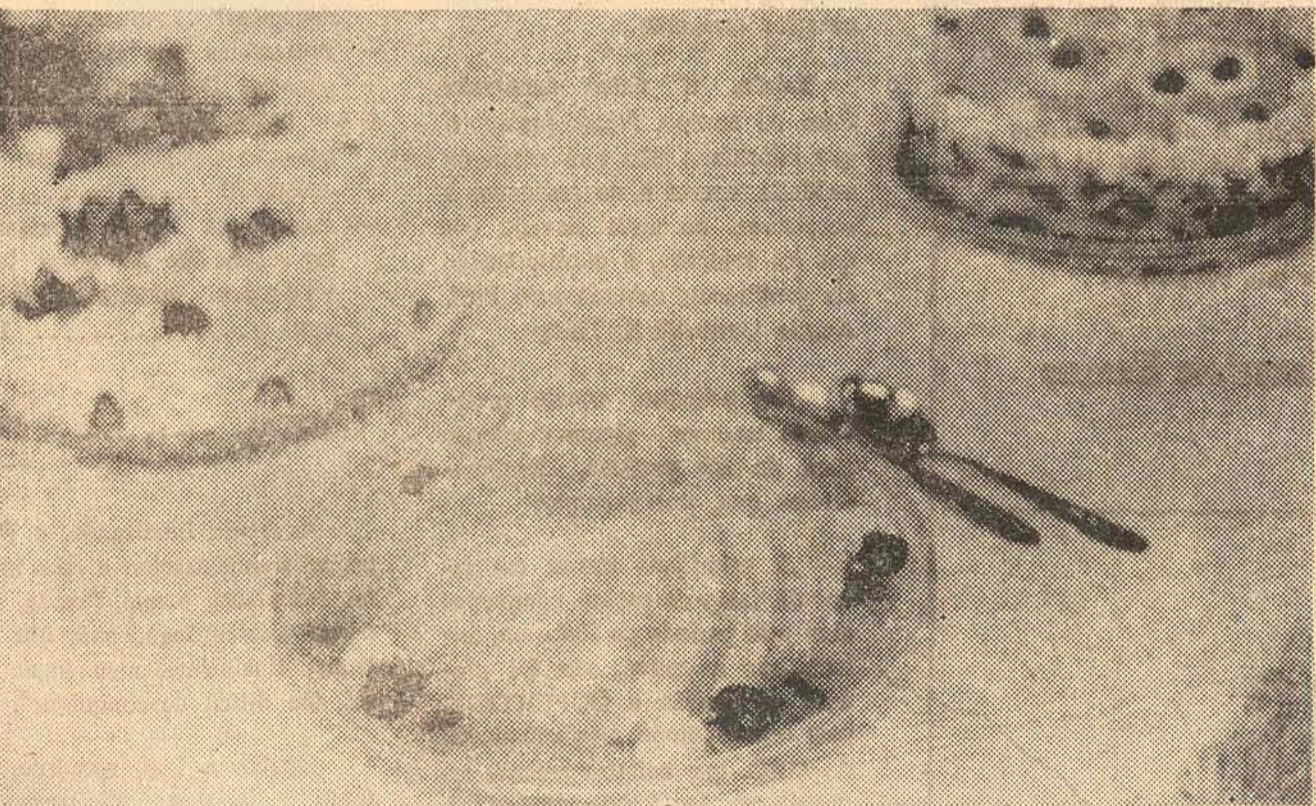
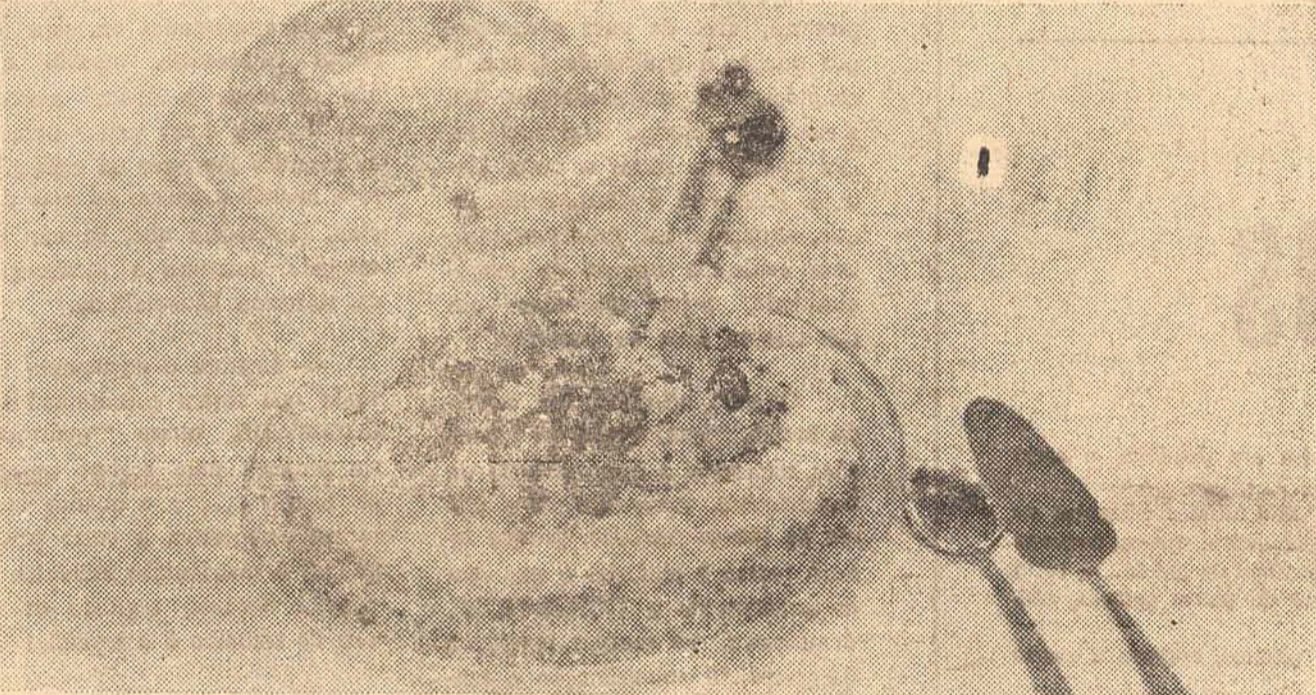
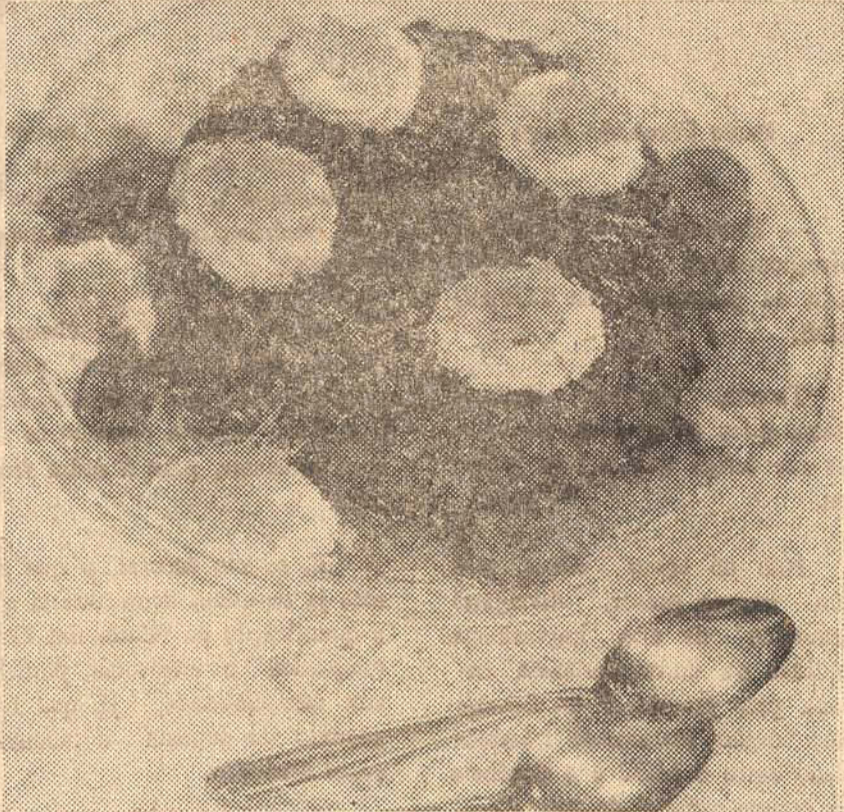
A idéia inicial para o festival livre no Fundão era um ingresso também livre, mas como a atual conjuntura não está para peixe — a subsistência se coloca para todos, não é? —, você vai pagar dez cruzeiros para os dois dias-noites.

Iara Pedrosa

A ESTADA

Fotos de
Paulo Dutra

Paulo pitou e hoje só deu bôla



As vitrines em geral são uma tentação para qualquer pessoa que por elas passam. Todavia há um pequeno número de pessoas que impávidas resistem à sedução das bem elaboradas e bem badaladas vitrines das cidades grandes. Mas há uma delas a que ninguém resiste: as vitrines de uma boa confeitaria. E tanto não resistem, que aí está nosso 2 vezes premiado Paulo Dutra, de um passeio rápido por São Paulo deixou-se seduzir pelos magníficos doces de uma confeitaria da Av. Paulista.

Dos filmes disparados pelo eminente fotógrafo, depois de revelados, só conseguimos doces e mais doces.

As boutiques masculinas e femininas da Augusta que mostraram as últimas bossas da moda maluca que anda por aí, passaram totalmente despercebidas. No entanto os doces foram fotografados sob todos os ângulos.

Para que não se fique apenas com água na boca, caso os clichês fiquem ótimos, aqui uniu receitas.

TORTA SUAVE

Massa: 300 g de farinha de trigo 120 g de manteiga ou margarina — 2 ovos — 120 g de açúcar — 1 limão — 3 colheres (de sopa) de creme de leite 1 colher (de chá) de fermento em pó — sal.

Recheio: 1/2 kg de maçãs deliciosas — 1 ovo — canela em pó — açúcar de confeitado — 50 g de açúcar.

Massa: unte com manteiga ou margarina uma forma retangular e polvilhe com farinha de trigo.

Despeje a farinha de trigo numa mesa ou superfície lisa. Faça um buraco no meio e junte a manteiga ou margarina amolecida e amassada com um garfo, o açúcar, o creme de leite, o fermento, 2 gemas, Casca de limão ralada e uma pitada de sal. Amasse o suficiente para misturar bem os ingredientes.

Divida a massa em duas partes iguais.

Abra uma delas e forre a forma já untada.

Recheio: descasque as maçãs. Tire as sementes e rale ou pique, de maneira que elas fiquem quase moidas. Espalhe as maçãs raladas por cima da massa e polvilhe com o açúcar misturado com uma pitada de canela.

Abra o segundo pedaço de massa e cubra a torta. Acerte as beiradas, aperte e pincele a superfície da torta com 1 ovo batido. Marque com a ponta de uma faca, formando quadrados.

Leve ao forno moderado durante 1/2 hora, mais ou menos.

Deixe a torta esfriar e corte em quadrados, conforme as marcas feitas com a faca. Arrume num prato e polvilhe com o açúcar de confeitado.

CREPES SUZETTE OH, LA-LÁ!

Dizem por aí que esta sobremesa é a mais famosa no mundo. Você não quer ficar atrás, não é? Então, mãos à obra.

Eis as instruções:

Prepare pequenas panquecas e flameje-as à mesa. Para isso é necessário uma espiriteira (recipiente em que se acende álcool) e uma vasilha de prata ou cobre, ou mesmo uma panela, onde preparar o mólho. É necessário também levar à mesa os ingredientes para o mesmo: açúcar, casca de laranja, tangerina ou limão (a gosto), o suco dessas frutas, manteiga ou margarina em pedaços e licor ou conhaque (do bom).

3 ovos — 3 colheres (de sopa) de farinha de trigo — 1/4 litro de leite — 9 colheres (de sopa) de açúcar — 100 g de manteiga ou margarina — 8 colheres (de sopa) de licor ou conhaque — 2 laranjas grandes.

Bata os ovos levemente. Adicione a farinha de trigo e o leite frio. Unte levemente a frigideira de fundo bem liso. Deixe esquentar bem e frite um pouco da massa.

Quanto mais finas forem as panquecas, melhor será o resultado.

Agite um pouco e vire a crepe com o auxílio de uma espátula, até corar.

Mólho: Esfregue as laranjas (com casca) no açúcar. Derreta o restante e acrescente a manteiga ou margarina. Mexa bem e cozinhe em fogo brando. Junte ao mólho o açúcar que esfregou nas laranjas o suco das mesmas e 3 colheres (de sopa) de licor ou conhaque, mexendo sempre.

Leve o mólho e as panquecas à mesa e deixe-as tomarem gosto, uma a uma, no mólho bem quente. Dobre as crepes em quatro. Retire-as do mólho. Coloque as panquecas na frigideira, adicione licor ou conhaque e acenda-o.

Sirva-as quentes e acompanhadas do mólho que sobrou.

PESSEGOS VITÓRIA

1 lata de pêssegos em calda — 1 vidro de creme de leite batido em chantilly — raspas de chocolate — 100 g de nozes picadas.

Escorra bem os pêssegos e coloque as metades na travessa em que vai servir, com a parte cortada para cima.

Recheie cada metade com creme batido em chantilly.

Cubra os pêssegos com raspas de chocolate. Por último espalhe por cima as nozes picadas.

Nota: Se quiser, em lugar de nozes, use castanhas-do-pará ou de-caju.

Outra modificação que você poderá fazer é preparar em casa os pêssegos em calda. Para tal, use pêssegos frescos, cozidos numa calda feita com água e açúcar. Deixe esfriar bem antes de usar e prepare como indicado.

TORTA NICKY

Massa: 130 g de farinha de trigo — 4 gemas — 125 g de açúcar — 40 g de manteiga ou margarina.

Crepe: 1/2 litro de leite — 4 gemas — 150 g de açúcar — 50 g de chocolate em pó — 100 g de amêndoas — 40 g de maizena — geléia de morangos — baunilha — rum.

Merengue: 6 claras batidas em neve bem firme — 300 g de açúcar de confeitado.

Unte com manteiga ou margarina uma forma retangular, dessas próprias para bolo inglês. Polvilhe-a com farinha de trigo.

Massa: bata os ovos com o açúcar. Leve ao fogo em banho-maria batendo sempre até que a mistura fique bem crescida. Tire do fogo, continuando a bater até esfriar, para que fique lisa e densa.

Peneire a farinha diretamente sobre a mistura anterior. Derreta manteiga ou margarina e adicione-a ainda morna, sempre mexendo.

Despeje a preparação na forma já untada e leve ao forno quente durante 40 minutos, mais ou menos. De-enforme e deixe esfriar.

Crepe: ferva o leite e junte algumas gotas de baunilha.

Bata as gemas com o açúcar. Reserve as claras. Acrescente a maizena, dissolvida em 2 colheres (de sopa) de leite e mexa. Vá untando aos poucos o leite restante e continue mexendo.

Ferva tudo durante 1 minuto.

Despeje o creme numa tigela e deixe-o esfriar. Depois divida-o em 2 partes, uma das quais deverá ter o dobro da outra.

Moa as amêndoas levemente torradas eunte-as à parte menor do creme, adicionando também o chocolate e o rum.

Corte a torta em quatro partes no sentido horizontal. Coloque a primeira sobre um tabuleiro, borife-a com rum e espalhe por cima um pouco de creme amarelo. Arrume outra fatia de massa, borife com rum e cubra com uma camada de geléia de morangos. Coloque a terceira fatia, espalhe o creme de chocolate e arrume a última parte da torta. Por fim, cubra com o restante do creme amarelo.

Merengue: bata bastante as claras com uma pitada de sal. Quando estiverem bem firmes, despeje o açúcar de confeitado.

Coloque o merengue na bisnaga de confeitado e decore a torta.

Leve novamente ao forno até que o merengue cresça e fique levemente corado.

Nota: Se quiser, poderá substituir as amêndoas por igual quantidade de castanhas-do-pará ou de caju.

ROCAMBOLE DE GELEIA

70 g de farinha de trigo — 80 g de açúcar de confeitado — geléia de morango (ou outra de sua preferência) — 3 ovos — manteiga ou margarina — baunilha — sal.

Unte uma forma retangular com manteiga ou margarina e coloque uma folha de papel impermeável ou alumínio, também untada e polvilhada com farinha de trigo. Com uma colher de pau, bata as gemas com 80 g de açúcar de confeitado. Acrescente aos poucos a farinha de trigo (passe-a antes pela peneira).

Continue batendo até que a mistura fique homogênea. Deixe-a descansar. Bata as claras em neve com uma pitada de sal. Devem ficar duras, pois o sucesso do rocambole depende em grande parte delas. Acrescente-as à mistura precedente, mexendo delicadamente.

Coloque a massa na forma, estendendo-a com uma espátula, e asse em forno moderado durante 10 minutos. Vire o rocambole sobre um pano úmido e retire o papel. Passe a geléia, cobrindo toda a superfície. Com a ajuda do pano úmido enrole a massa e embrulhe-a com papel impermeável ou alumínio untado. Aperte os lados para manter a forma.

Para servir, retire o papel, apare as pontas e polvilhe com o restante do açúcar. polvilhe com o restante do açúcar.

O eterno Cisne

Em abril, recebi dele uma carta de Zurich, comunicando-me que andava perdido pelo mundo, e pedindo desculpas porque a máquina do hotel não tinha tñl, nem acento agudo, nem cedilha. Já havia estado em Madri, em Veneza, em Innsbruck, e não sei quantos lugares mais. Depois, visitaria a Holanda, a Bélgica, a Inglaterra e tomaria uns porres em Paris.

E acho que cumpriu a promessa, que é homem para isso, pois, do Quartier Latin, num jantar com amigos, me remeteu uns versos de Rimbaud, escritos num guardanapo de papel, tendo por fundo uma francesa completamente despida. Isso não se faz com um homem da minha idade, cujas coronárias já não resistem bem as recordações do passado.

Não sei o que ele foi ver na Europa, velharias foi que não foi, que ele não faz parte dessa mediocridade turística. Esse jovem poeta das terras catarinenses, Edson Nelson Ubaldo, sempre teve os olhos voltados para a poesia, poeta que é desde o nascimento. Não fosse "o eterno cisne com os olhos voltados para a fantasia", como diz no belo poema:

"Falem as sombras no meu peito adormecido / — campo imenso de árvores tombadas / intensa mancha de ásperos contornos — / falem as sombras, falem / que meus dedos morreram sobre o piano / insepultos sobre o dorso de um estranho noturno / Falem as sombras no meu peito adormecido / mais

além do campo verde e sem distância / onde plantei a minha espera / — eterno cisne com os olhos para a fantasia".

Conheço-o faz muito tempo, antes de receber, mercidamente, o Prêmio "Araujo de Figueiredo", de poesia, instituído pela Academia Catarinense de Letras, quando da presidência de Gama D'Eça. Conheço-o desde quando participava de um grupo de jovens poetas — Péricles Prade, Lindolf Bell, Rodrigo de Haro, Osmar Pisani e Di Soares —, grupo este responsável pela Exposição de Poemas Murais, o primeiro a ser realizado nesta terra.

Participei do seu entusiasmo, privei da sua amizade, vibrei com sua sensibilidade efrervescente: "Eu sempre me arrependo das palavras que não disse / dos gestos que não fiz / do olhar que não firmei / Me arrependo mas não sofro / porque a exata medida do não-ser / é a distância entre a porta / a sede e o desejo".

E onde andará este monstro de tamanha força lírica, que me escreve de Zurich, de Paris, de Campos Novos? Procurei-o nas antologias, nas academias, nas páginas dos jornais e revistas. Procurei-o, por muito tempo, e não o encontrei. Quem assassinou tanta vocação poética, tanta energia criadora, quem?

Só se se perdeu na música outonal, quando percebeu morta a infância: "Assim vou me perdendo nesta música de outono / pois é morta a infância / e meu dia é morto /

que flores não as tenho / e não as guardo". Mas eu não acredito, mesmo que ele o diga, que será criança para o sempre, mesmo que o dia seja morto, que não guarde as flores, mas nunca será liberto da poesia.

Embora tenha andado desaparecido, embora os suplementos literários do Estado percam com a ausência da sua efetiva e brilhante colaboração, embora se dizendo entre sombras, eu acredito, por conhecê-lo intimamente, ainda aqui, que ele continua mais vivo do que nunca:

"A grande diferença desta sombra / é querer estar sozinho e ser no escuro / um eucalipto embrulhado pelo vento / para dançar nas madrugadas de setembro / todos os ritmos de sol e circunstâncias".

O que mais dizer deste jovem poeta, o maior da sua geração, caminhar de estradas do universo, talvez aturdido num mundo que apenas começa a conhecer, mas já suficientemente amadurecido para perceber as insignificâncias e vaidades doentias da planície?

E permito que ele mesmo se despeça da planura em que vivemos: "Não poderei navegar nesta planície / porque longe, muito longe / estão abrindo meu tesouro de ternuras invioladas / Eu que nunca fui absoluto / e quis ser como nuvem sobre o campo".

Isso mesmo: virou nuvem e paira sobre todos nós, que somos animais de superfície, com os pés criando raízes, sem entender seu canto e sua mensagem.

Oliveira de Menezes

Domingos do Domingos

Era domingo. Aliás, era sempre aos domingos. Domingo era dia do Domingos, tãmanco, calça de brim branco barato, camisa sem colarinho de listras fininhas em preto e branco, chapéu creme brigando com o rosto escuro, domingo era dia do Domingos passar com o curió.

Manbãzinha, ainda, e o Domingos, gaiola na mão espalmada, feito bandeja, saía de casa. Onde morava, precisamente, não sabíamos. Sabíamos que no fim da Bocaíuva. Se no morro do Céu ou da Nova Trento, nunca soubemos. Num deles, talvez. Ou em nenhum. Pouco importa.

Importa que, aos domingos, cedinho cedinho, galo cantador ainda cantava, dorminhoco ainda dormia, e o Domingos já tamancava pelas calçadas de quadrinhos da rua Bocaíuva, acordando a cachorrada estremuhada.

— Bom dia, Domingos. Como vais?

— Dando um arezinho no Artur.
Artur era o curió. Um curiózinho velho, muitos anos na gaiola, penas sem brilho, senil e murcho, bico sem canto.

— Artur? Que Artur?

— Mo curió, homi. Nomi dêle é Artur. Nomi do meu fio, qui faleceu. Faleceu tem vinte anos, já. No dia qui morreu, este qui tá qui nasceu. Desacou o ovinho, abriu o biquinho, uma lindeza. Botê logo o nomi di Artur.

Domingos dizia que o curió Artur era o filho Artur, que falecera. Que o espírito do filho encarnara no curió.

— Intende tudo co digo. Vem no dedo, fio.

O curió pulava no dedo.

— Dobra pru dotô vê.

E o Artur dobrava, um canto rouco, mais ar que som.

Um dia, também era domingo, o curió amanheceu morto.

Artur, parece, nos últimos instantes de vida, lutara pela liberdade: a cabeça, pequeno pêndulo preto, jazia fora da gaiola. O resto do corpo, montículo de penas escuras, continuava preso.

Domingos, em prantos, narra a morte do Artur.

— Amanheceu morto, hoje, dotô. A cabecinha prá fora da gaiola, as garrinhas pro alto, peninha pra todo lado. Uma tristeza. Não tenho mais nada. Tô sozinho.

Domingos, pela derradeira vez, tamancou na rua Bocaíuva: à noite do mesmo dia, morreu. Deitou-se nas escadas da Igreja do São Sebastião e se foi. Na mão esquerda o chapéu creme, sujo e roto. Na outra, estranho amuleto: uma peninha do Artur. A chave do céu, certamente.

Jair Francisco Hamms

Farrapos de memórias

Em meados de 1885, apareceu na pacata Desterro o livro da autoria de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea — "Tropos e Phantasias". A republicana literária da antiga Capital da Província festejou essa estréia dos jovens intelectuais da terrinha. Mas, a 16 de setembro daquele mesmo ano, toda a gente desterreense ficava sabendo que essa produção das letras dos esperancosos moços não lhes valeu sequer, do ponto de vista financeiro, recursos para o pagamento da última prestação do romisso assumido para com a tipografia editora. É que o jornal "Regeneração" estampou nas suas colunas um amável convite aos autores de "Tropos e Phantasias" para que se desvencilhassem dos tropos e abandonassem as fantasias, ante a realidade de ainda estarem em débito para com a lançadora do livro: a última prestação ainda estava por pagar...

X X X X

Os cronistas sociais daqueles dias de 1886, se não eram suficientemente objetivos e práticos à maneira dos de hoje, eram tão elegantes como estes. E para quem os lê, nos velhos periódicos desterreenses do século passado, têm agora um certo encanto que procede, penso, do tom romântico da adjeti-

vação que usavam ou de que abusavam no seu tempo e que talvez ressoe no fundo da alma que os evoca ainda...

"O Argos", de 9 de dezembro daquele ano, publicou a crônica de algum moço apaixonado, acerca do baile organizado "por uma grande porção de Brasileiros", e realizado em a noite de 3 daquele mês para soletrar "o aniversário do Feliz Natalício do Augusto e Magnânimo Senhor D. Pedro II. Serégio Soberano da venturosa terra de Santa Cruz".

Dias coisas impressionaram, nesse festival, de maneira mais profunda, o ânimo do "ronista: uma linda menina-moça e um fato aberrante das praxes convencionais da sociedade, mas que o agradou, todavia. A respeito da senhorinha, diz ele, era "uma Beldade, que de há muito cativou o nosso coração de mancebo com os seus atrainhos: conduzia com o seu corpinho delicado um rico vestido de seda em xadrez; a sua grinalda — coroa de beleza e de virtude — dava um realce singular à sua bela madeixa e seu bouquet de odoríferas flores (cuja posse tanto anelamos!) correspondia à sua candura".

O fato que também ferira mais fundo a

sensibilidade do noticiário social consiste no que ele assim descreve: "Vimos com sumo gosto a realização de um pensamento louvável por mais de um motivo. Observamos, nessa reunião de caráter nacional, a fraternidade e igualdade bem entendidas: o magistrado ombreava com o laborioso artista, a dragona do bravo confundia-se com a toga do jurista-consulto, e o espírito de classe sufocado pelo sentimento de nacionalidade".

X X X X

Mas os jornais continuavam a publicar anúncios de oferta de escravos fortes e ágeis, à venda, em grupos ou isoladamente.

Num desses, a "mercadoria" era "uma parda muito boa e nova, que tem muito bom leite". ("O Argos", de 12 de dezembro de 1886).

Ainda nos dias que precediam as festas do Natal daquele ano, um daqueles proprietários de rebanhos humanos, senhor de rija tẽmpera, anunciava no mesmo jornal o seu desejo de vender "um escravo sadio e robusto, o qual serve para qualquer serviço". E acrescentava a quem se interessasse pelo negro: "Pode ser visto na cadeia desta Capital"...

A Reforma Universitária (XIII)

Paulo Fernando Lago

— Extensa e esclarecedora correspondência recebemos, originária da presidência da COPERTIDE.

Trouxe, também, algumas contestações a aspectos assinalados em artigo que a este precedeu.

Não só como dever, mas com imenso prazer, divulgarci elementos de alta importância contidos na correspondência enviada pelo presidente da Comissão, "órgão meramente intermediário entre o MEC e a docência em regime especial de tempo".

Apenas, em termos não de protesto, mas de pura preocupação quanto à análise de táticas e estratégias de materialização dos ideais da Reforma Universitária, não posso me furtar a certa lástima. Refere-se à circunstância de que, situações em processamento, com evidentes marcas de auspiciosidade, sejam colocadas em tão restrita área de contacto.

Quando afirmava, no referido artigo, "que, talvez, as decisões referentes à discriminação de vencimentos, sejam apenas o início de outras medidas, porque ignora (como a maioria) o que vem esquematizando a COPERTIDE", denunciava, ao mesmo tempo, a desnecessária subordinação a tensões, provocadas por ausência de informações mais corajosas sobre questões essenciais.

Talvez, o único ignorante fosse eu mesmo. Nesse caso, o que informarei não terá nenhuma validade, exceto a de responder e considerar, no nível elevado em que foi colocada, a correspondência gentilmente enviada pelo Prof. Acacio Garibaldi S. Thiago.

Em primeiro, aquela presidência contesta algumas afirmações, de nós partidas, lembrando-nos que, por exemplo:

A prioridade aberta em favor da faixa de ensino compreendida pelo período da Reforma, antecipando a outras, não foi produto de decisão a COPERTIDE, pois está limitada pela orientação do MEC, que enfatiza regimes especiais nas áreas conhecidas e fartamente anunciadas;

Acentua que a "ênfase dada às atividades mais eminentemente administrativas", igualmente fuge à atribuição (e que se fosse não teria caráter de decisão) da COPERTIDE, "sendo-o unicamente da administração da Universidade".

Acrescenta ainda que, a afirmação de que os "chefes de departamentos estão desobrigados das aulas", é totalmente errônea, pois "eles exercem dupla função..."

— Refuta também alusões quanto à minoria do chamado "Clube dos Contemplados", apresentando um quadro de integração de docentes em regimes espe-

ciais de trabalhos que resultará na absorção da maioria "mas não unanimidade", conforme limitações estabelecidas pela orientação do MEC.

Dêsse modo, o chamado "Clube dos Desprezados" perderá associados, que se transferirão, com certa rapidez, segundo se poderá constatar, para a outra frente.

E, se isto ocorrer, o que parece já definido, acrescentaria que a qualificação de "Clube dos Contemplados" e vice-versa, perderia sua essencialidade, já que fora produto de suposta e inconvincente distinção.

A existência, nesse caso efêmera, dos clubes, é, estamos, muito mais interessados em seus aspectos impessoais, medida que não só tende a aliviar tensões, mas tende a dotar maior número de recursos humanos de condições para melhor exercício de suas funções, eficiência que, se não for atingida, desabará a idealização da Reforma Universitária.

— Lembra os documentos enviados que foram encaminhados à COPERTIDE, quase "quatrocentos projetos para regime especial de tempo"... e o quadro atual (e em perspectiva a curto prazo) quanto à distribuição numérica de pessoal docente, segundo os níveis de trabalho é o seguinte:

— Professores em regime de 24 horas (atividades didático-pedagógicas) 125
— Professores que estão em regime de Dedicção Exclusiva, e que passarão a perceber gratificação especial a partir de agosto/70 75
— Professores que ingressarão no regime de 24 horas (atividades didático-pedagógicas) 181

TOTAL 381

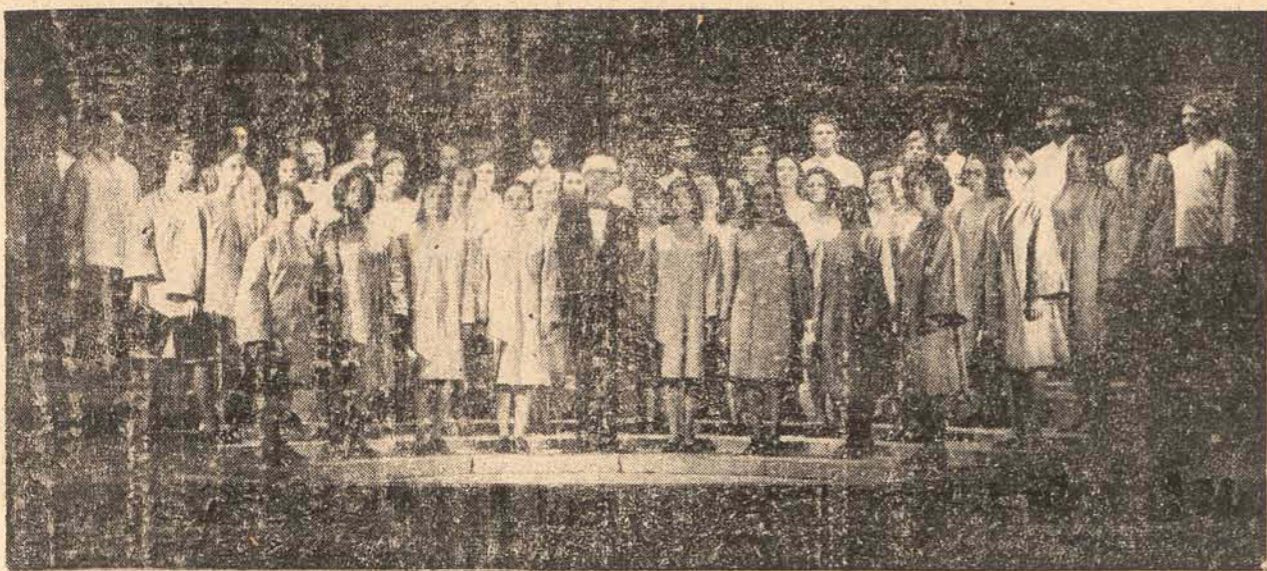
A seguir, finalizando, o illustre missivista desejou a mim muitas felicidades e que, "oxalá, tudo se resolva logo, para que eu tenha, finalmente, meu lugar ao sol, tão difícil de conquistar".

Quanto a isso, agradeço, e tomo a liberdade de transmitir aos demais colegas de sombra e penumbra, o desejo de tão eminente colega.

E, não lastimo o fato de que parece que a única coisa que procuro é "meu lugar ao Sol". São as incompreensões naturais que resultam de atitudes que tomamos.

E, V.S., que tanto foi incompreendido, até em detalhes elementares, quando dinâmica e eficientemente comandava a administração municipal, sabe muito bem que, quando se faz buracos, nem sempre se está procurando o inferno, e sim, tentando reconstruir a fisionomia de algo que sabemos dever melhorar.

Meu abraço.



Um "senhor" coral

Além do que contam as fotos e o texto da capa deste Caderno, tão gentilmente cedida por seu editor, vamos falar mais e mais de Coral.

A par da conquista dos dez anos de vida, e da alegria que esse fato deve (e precisa) proporcionar à Cidade, é preciso que se recorde. Como tempo especial da vitória as lutas, os esforços e os sacrifícios enfrentados. É necessário que se ligu (é necessário?) que nem tudo foi fácil e que nesses dez anos, se a sua existência se consolidou e tomou forma como patrimônio artístico de Florianópolis aconteceram, igualmente, as horas amargas e difíceis, quando a derrota parecia eminente.

Nos primeiros anos, a luta pela reconhecida, pelo reconhecimento como coisa válida e necessária; depois, a pior de todas as lutas: a luta pela sobrevivência, numa espécie de vale-tudo, de muita argumentação, de muita insistência.

Numa época em que os esquecidos ainda não estavam na moda, a Associação Coral raptou o Maestro Aldo Krieger, roubando-o do seu erde Vale e trazendo-o para Florianópolis. Era a primeira vitória

real.

Sem sede própria e sem local para ensaios, andou pelas ruas, sob céus entrelaçados e debaixo de guarda-chuvas gotejantes; no calor abafado das noites de fim de ano e no frio intenso do inverno, partituras debaixo do braço, em busca de um lugar para ensaiar.

Antes do Natal, há poucos anos, necessitando de novos uniformes (os antigos estavam caindo aos pedaços), a Associação Coral fez serenatas, de porta em porta, até alta madrugada, solicitando auxílio e pedindo a colaboração popular, no que foi atendida.

Ao abrir das cortinas, no palco do Teatro, entretanto, nenhum dos rostos sorridentes deixou, jamais, transparecer o cansaço e a irritação causados pelo duro trabalho. O público desconhecia, como desconhece até hoje (mas precisa conhecer) as conseiras, as preocupações, as noites mal dormidas.

Hoje, decorridos dez anos, a situação está bem melhor. Há subvenções e auxílios especiais. Há o reconhecimento por parte das autoridades.

Já existem, gravadas em sua his-

tória, várias apresentações especiais, coroadas de êxito, onde o nome musical de Florianópolis foi elevado e aplaudido por outros povos, em outras terras.

O seu cantar já inundou, numa noite inesquecível, o austero Municipal de São Paulo e, através do vídeo da televisão, milhões de paulistas ouviram um repertório totalmente catarinense: harmoniosamente transbordante de canções que falavam de sol, de mar, de praias.

O disco, gravado nessa ocasião está mostrando, agora, a milhares de catarinenses, a sua música, perpetuada de maneira muito especial.

Rio de Janeiro está na rota, talvez para o final do ano. Os convites chegam sempre e cada vez mais.

Mas hoje, decorridos dez anos e considerando que a memória nacional está sempre em falência (como diz o Paschoal), é preciso dizer algo mais, ainda.

Há um nome para guardar, para aplaudir e para, reconhecidamente, homenagear.

Há um nome para dizer e guardar. Há um nome, enfim: **DARCY BRASILIANO DOS SANTOS.**

PLÁ!

mauro júlio amorim

Plá dos leitores

CARLOS ALBERTO FÁRIA

(Fpolis) — Sugestões ao diretor do Teatro Álvaro de Carvalho, nosso amigo Luiz Silva: 1) que ele proíba a entrada dos retardatários (uma vez no Municipal do Rio, quando ouvimos o Coral do Maranhão e, cegando tarde apenas cinco minutos, só conseguimos entrar na segunda parte); 2) carta ao diretor do Detran, dizendo-lhe dos incômodos causados dos coletivos da Empresa Frindandense. Será que ele nunca vai ao Teatro para ver, "in-loco" como é a coisa? Também poderia ser feito um requerimento à firma Koesa, para que, gratuitamente, consentisse os botões de arranques dos ônibus; 3) um requerimento ao Dr. Boris, do D.A.E.S. (com dez dias de antecedência), a fim de que não falte água na Cidade, em dia de espetáculo. É que a danada da caixa d'água do Teatro começa a encher-se do precioso líquido, justamente na hora em que a orquestra (no caso), executava um "largo piatissimo"; 4) Um outro requerimento — este dirigido ao Dr. Murielo, do Departamento de Cultura da Prefeitura, para providenciar um cursoinho aos senhores fotógrafos. Numa das horas soleníssimas, em que a violoncelista Nelly Pericas executava um trecho do concerto, apare-

ce em cena um fotógrafo e dá-lhe um tiro com um flash de 500 watts; 6º) o sexto requerimento seria que ser selado e com firma reconhecida (casos especiais não é?). É o problema das balas. Ainda nessa mesma ocasião, uma respeitável madame, aflita em deliciar-se com o seu caramelo, levou uns quinze minutos para desembulhá-lo, mastigando-o depois, com um matracar de lábios. Ou será que ela esqueceu os postigos em casa? O sétimo requerimento eu mesmo o faço: ao gerente do Banco do Brasil, solicitando constar em folhas, um elogio especial ao Maestro Hélio Teixeira da Rosa, pelos relevantes serviços prestados à comunidade. O espetáculo da orquestra agradeu bastante.

Tudo de acordo, seu Faria. Vamos ver se o diretor do teatro, além de tudo o que está fazendo (você já viu como está ficando o Alvaro de Carvalho? Até o Embaixador Paschoal Carlos Magno elogiou o novo Teatro), pode conseguir mais o que você pede. A entrada dos retardatários foi resolvida, em parte, com os tapetes mas, ainda assim incomoda muito. Devia ser proibida a entrada, claro. Quanto aos ônibus, já fraturei as amidas de tanto berrar. Aquilo é uma afronta... um pouco caso das autoridades. As

balas, também não deveriam ser vendidas em dias de concertos, a não ser nos intervalos. Isso, se o público fosse educado o suficiente para não mastigá-las dentro e durante o espetáculo. Quanto ao elogio ao Maestro Hélio Teixeira da Rosa, concordo e dou um VIVA! Apareça sempre, tá?

NOEMI (Instituto de Educação) — "Gostei da entrevista do Sergio Bittencourt. Por que você não entra mais na faixa jovem e deixa os coraços um pouco de lado? Tem gente jovem muito pra frente e muito bacana para entrevistar!

Por que não você, Noemi! Aliás, essa já é a segunda vez que você escreve sem dar sobrenome e endereço. Quantas Noemis existirão aí no I.E.E., que tem oito mil alunos? Apareça que nós não mordemos, aliás, estamos todos vacinados. Quanto à sua pergunta, pô que indiscrição, Noemi!

FRANCISCO CARLOS (Fpolis) — "Fiz uma churrascada e você não apareceu nem para dar um alô. Acho que compreendo. Velho não fica bem entre jovens, não é?"

Lamento ter faltado meu caro Francisco. Nem sempre tudo sai como a gente gostaria que saísse. Perdão.

Paschoal/o bom papo justifica a volta

BIZU

Quando solicitamos a entrevista ao Embaixador, não pensávamos num papo tão agradável e tão longo. Aqui está o restante da entrevista (as três últimas das catorze páginas datilografadas em espaço dois):

PLÁ — Você tem um tipo inquecível?

PASCHOAL — A gente tem na galeria de espelho de sua vida interior refletidos neles uma ligação de tipos, que têm todas as linhas da beleza, da perfeição, olhos de todas as cores. Acontece porém, que às vezes a gente deu para amar a mais feia, porque tinha uma voz linda e escrevia versos com uma rara dimensão de grandeza.

PLÁ — Você é um homem rico?

PASCHOAL — Eu, rico!? Tudo o que a vida me deu, deu aos meus, família ou amigos, desconhecidos ou não. Nunca tive o sentido de guardar, amearhar. Para quê? Tenho, é certo, crédito em bancos e com amigos, que me descontam títulos e me acodem nas horas de aperturas, que são constantes. Tenho, é certo, a riqueza de minha casa em Santa Tereza, plantada no recanto mais lindo do Brasil, com a Cidade e suas curvas de praia aos pés, franqueada pelos seus mornos iluminados de casario, térceos e lâmpadas. Essa é a minha riqueza, além de meus livros, quadros, amigos... Sou dos que recebem, de todo o Brasil, uma média semanal de cinquenta a oitenta cartas, sem falar nos livros, revistas...

PLÁ — E o tempo para ler toda essa correspondência?

PASCHOAL — Ler, é fácil. Mas responder... Mas eu respondo, com a minha letra esparramada e ilegível.

PLÁ — Do que é que você mais gosta na vida?

PASCHOAL — Saber que meus amigos triunfam. Ainda outro dia tive um alegrão danado com uma carta chegada de Washington, do pintor brasileiro Seoane, cujos catálogos são um deslumbramento para os olhos. Seoane embarcou há cinco anos para os Estados Unidos. Passou frio, fome, comeu latinhas de carne para cachorro, foi chofer de caminhão, trabalhou em reforma de móveis antigos, foi limpador de toilettes e cozinheiro. Hoje é famoso, com quadros pendurados nos maiores museus do mundo; nas maiores coleções privadas de americanos e europeus.

PLÁ — Mas...

PASCHOAL — O que mais gosto na vida é, também, o direito de pensar alto, de paschoelar tudo quanto desejaria fazer, mais para os outros do que para mim.

PLÁ — Por que você nunca foi eleito "Pai do Ano"?

PASCHOAL — Pai do Ano?

PLÁ — Você tem, pelo Brasil a fora, milhares e milhares de jovens que adotou pelo estímulo, pelo amparo. Ninguém conseguiu mais empresas e bolsas de estudo no estrangeiro do que você, que não exerce nenhum cargo executivo e que não é político; que não faz desse mercado sentimental sua força eleitoral... Por que não lhe deram o título de "Pai do Ano"?

PASCHOAL — Não sabia existir esse título ou essa homenagem. Se existe, para que aumentar os que já me deram, a que sou grato?... Sou totalmente desinteressado de exibi-los ou lembrá-los.

PLÁ — Como recebe o Teatro de Vanguarda?

PASCHOAL — Acolho com simpatia, admiração, todos aqueles que têm uma palavra nova a acrescentar ao vocabulário de qualquer expressão artística.

PLÁ — O Museu do Folclore de Santa Catarina vai sair mesmo?

PASCHOAL — Nesta minha curta permanência em Florianópolis, apaixonei-me pela idéia, depois que pedroalvarescabralmente descobri o mundo sagrado do professor a artista Franklin Cascaes, em sua casa. Que riqueza de material! Merecia que o Estado lhe adquirisse uma casa e o ajudasse a instalá-lo. Sou dos que têm a doença do Brasil. Mas esse homem, caçador infatigável de temas, danças, música, tipos de Santa Catarina, tem a doença de fixar o transitório de épocas e costumes, para doá-los à eternidade. Vamos dar ao Cascaes o Museu que merece?

Por que o Governador Ivo Silveira, marcando o final do seu governo com mais uma obra digna não desapropria uma casa antiga, das muitas que são um orgulho da sua Capital, para nela instalar o Museu do Folclore de Santa Catarina e doá-la ao Professor Franklin Cascaes?

Estamos de acordo e apoiamos inteiramente a sugestão de Paschoal Carlos Magno. Como ele mesmo diz na primeira parte desta entrevista, a memória nacional vive sempre em falência. Normalmente os grandes homens são esquecidos e o seu trabalho de toda uma vida dedicada ao seu povo e suas tradições são postos de lado, em troca de futilidades. O Professor Franklin Cascaes (quem já viu o seu museu particular sabe disso) merece todo o apoio e atenção das autoridades. Que o Governador aceite — não a nossa, mas a sugestão do Embaixador Paschoal Carlos Magno, um homem que dedicou a sua vida ao Brasil — e proporcione ao Professor Cascaes essa grande alegria. Ele a merece.

Estamos descobrindo o Brasil! Nunca antes a Semana da Pátria foi tão celebrada e de maneira tão digna, despertando a brasilidade adormecida! Esse amor pelo chão natal e o respeito por suas glórias e tradições, aliadas a esperança em seu futuro. A campanha de motivação em rádios, jornais, cinema e televisão foi tão bem bolada que dava gosto ver e ouvir.

"ESPECIAL I", estreado no dia 3, no Alvaro de Carvalho só teve uma única falha: a falta de público. Você, que está nos lendo agora, e que não foi ver o show, faça uma penitenciazinha e reconheça a sua má vontade e descrença para com os valores da terra. E reconheça, também, que muitas vezes você paga o dobro do preço para ver uma m... de espetáculo, só porque ele vem do Rio ou São Paulo. Urgente, urgente, rezar dez Pai Nosso e dez Ave Maria. O show foi espetacular e vai se repetir

A **Gran-Meta Publicidade** foi de uma gentileza a toda prova para com o show ESPECIAL I, cedendo seus estúdios e técnicos de som para a gravação. Tudo com sorrisos largos, cafézinhos e bom papo, jovem e dinâmico. Oi, gente boa, obrigado por tudo, em nome dos integrantes do show, tá?

Mauro Regis, um dos diretores do Lagoa Iate Clube, enviando-nos uma foto inédita. O fotógrafo do LIC conseguiu fotografar o vento sul, quando da visita de Sergio Bittencourt ao Clube. Obrigado, Regis, pela foto do "pestinha" e mande notícias do seu nosso LIC

Mas isso é incrível!!! Você também não foi ver o recital do 10º aniversário da Associação Coral? Pô, você devia ficar encabulado, sabe? É um pouco caso vergonhoso para com o que fazem os jovens da sua Cidade, tentando melhorá-la cada vez mais... inclusive para o seu benefício. Mas, da próxima vez você meu caro agoriano, descalce os tamancos e vai, né? Além de muito bonito, é muito instrutivo, sabe?

Embora um pouco tarde (não houve Caderno no domingo passado), os nossos cumprimentos a Elizabeth Bathke, Miss Turismo São Joaquim que, no dia 29 passado, em Joinville, sagrou-se representante do Estado, para o Miss Turismo do Brasil. Elizabeth é bela, culta e dessembarçada e, no concurso estadual, demonstrou conhecimentos e interesse pela matéria.

Por falar no Concurso Miss Turismo, de ano para ano o certame toma forma e, a continuar assim, dentro em breve vai ter tanta (e precisa) importância quanto a Miss Santa Catarina. A promoção da Revista Thelios é válida, principalmente quando o assunto do momento é a possível "salvação da lavoura" pode ser o turismo no Estado.

Anamaria, depois de ter feito limpeza geral na "cuca" parece que vai voltar a escrever, colaborando com esta página. Se houver, mais tarde, nova fundição do "sótão", daremos outras férias à moçinha. Aleluia, irmã!

No próximo sábado, dia 19, é a posse da nova diretoria da Associação Coral de Florianópolis. O novo presidente, Carlos Alberto Faria, um dos fundadores do Coral, foi eleito por unanimidade tendo em vista os dez anos de trabalhos constantes em benefício da entidade. Será preciso dizer ao novo presidente que ele pode contar com a gente... ou será que ele vai contar mesmo, sem essa oferta?

Visita/despedita

Orestes Woesthoff esteve no visitando... e se despedindo. Vai para Curitiba, com a cabeça cheia de idéias novas e os olhos, como sempre, parecendo estar com o espanto da primeira visão do mundo e das coisas.

Busca — e é obrigado a isso, infelizmente — o vil metal. Mas não deixa de escrever. Seu último trabalho aqui está, pleno do espírito inquieto e ávido do poeta, encfeitando, liricamente, o nosso "papo".

A ESTATUA

Há um homem na praça. Sentado com as mãos vazias, segurando o

que da praça paira no ar.

I
Há uma estátua. Fixa, marcando o tempo marcado na pele.

II
Seus pés estão, agora, amparando o homem sentado.

III
A estátua mudou. E não há mais o homem. Somente um cheiro putrefato (sentido labirintico da existência) dorme no ar.

IV
É a extensão do homem

As Muitas crises do HOMEM

HEITOR PINTO DE MOURA

A morte e a doença, essas antigas, fiéis e perturbadoras companheiras do homem, nossa época está acrescentando, aparentemente sem grandes esforços, uma terceira, que é a crise.

Não se quer afirmar, é claro, que a crise é fenômeno recente. Todo mundo sabe, até instintivamente, que poucas situações ou condições existem mais naturalmente ligadas ao homem do que as de crise, individual ou coletivamente. E basta a consulta à História, aos filósofos e a um bom dicionário de grego para se ter uma noção de que, pelo menos no mundo ocidental, a semântica da crise já se achava perfeitamente delineada há quase três milênios.

O que se quer é fazer, simplesmente que a idéia de sua transitoriedade, que além de ser esteio e esperança dos homens atribulados, parece, sempre figurando como uma das notas constitutivas de seu conceito — é só lembrar o sentido da crise grega como fase decisiva de uma moléstia — hoje estaria sendo superada, ou até mesmo expulsa, pela idéia mais dramática e bem mais desanimadora de sua renitência.

Mais ainda, das crises de hoje pode-se afirmar logo de início, algo que nunca foi possível afirmar de qualquer uma das crises do passado, ou de todas: que elas são eminentemente em escala global ou planetária, por obra e graça de todo um complexo mecanismo — tipicamente moderno — de anulação ou encurtamento de distâncias, de aproximação física dos homens e de coleta e difusão de todos os tipos imagináveis de informações.

Muito se falou de um mundo só, principalmente pela boca dos idealistas ou dos utopistas, sem que jamais se conseguisse transmitir, de fato, concretamente, a consciência ou a necessidade dessa unidade tão almejada ou sem que jamais se desse mesmo um passo firme em sua direção.

Os anatomistas das crises de nossos dias demonstram, com relativa facilidade, que em matéria de crises — ou, conceda-se, apenas de certas crises, infelizmente as mais decisivas — o mundo está inextricavelmente solidário e unido, para o melhor ou para o pior.

Estará assim acabada (para sempre?) a era bastante cômoda das crises compartimentadas, no espaço ou no tempo, que possibilitava a atitude, ainda mais cômoda, de tranqüila e utilmente pedagógica contemplação das crises dos outros.

Apanágio do homem ou, mais precisamente, uma dessas decorrências inevitáveis do que se chama tecnicamente cultura, as crises que os cercavam — indivíduos e coletividades — num fluxo franca ou aparentemente intermitente, davam-lhes ainda a impressão de que o preço a ser pago por sua solução estava à altura de seus recursos, apesar de serem eles, muitas vezes, altíssimos ou quase arruinantes.

Hoje, apenas decorrido um quarto de século desde uma dessas crises catastróficas, o homem reconhece, sem escapatória, que o rol que lhe é apresentado por cientistas e analistas implacáveis é não só sustentadoramente grande como também está a lhe exigir, pela enormidade do que está em jogo, toda a urgente reformulação de seu sistema milenar daquela contabilidade.

A CRISE DOS ECOLOGOS

É bem difícil hierarquizar crises, por sua intensidade, por sua qualidade, por qualquer critério que seja. Mas a crise que preocupa os ecólogos é tão séria e tão carregada de consequências que bem se fica tentado a dizer que aquela hierarquização é possível, e que a corrupção, a destruição, a irracionalização da natureza é, sem dúvida, a crise magna por que passa toda a humanidade.

Ela é grande por qualquer ótica, de qualquer ângulo, sob qualquer aspecto. Ela é realmente global, atingindo a todos, indistintamente e sem exceção; e

cia do homem mas também a de tudo que tem vida sobre a Terra.

Os ecólogos — e mais vale hoje considerá-los como cientistas da sobrevivência do que meros estudiosos de eco-sistemas ou das relações entre seres vivos e meio-ambiente — não cometem a grande injustiça de acusar o homem moderno — ou o homem desenvolvido ou o homem primitivo — pelo estupro da natureza.

O grande culpado é o homem, simplesmente, menos faber ou ludens do que exterminator ou praedator, de todos e de tudo.

Será insanável — e aí está o nó da crise ecológica — a cegueira total do homem em face de eco-sistemas indispensáveis a sua vida? Por mais negras que sejam as atuais condições ecológicas do mundo e por mais irracionais que sejam os comportamentos dos homens na sua faina de transformador da natureza, a resposta à pergunta é felizmente negativa.

Assim como os trágicos lembretes estão sempre conosco — desertos, enchentes, erosão, espécies extintas, poluição dos ares e das águas, espécies ameaçadas, florestas para sempre devastadas — também já se sente o começo de uma pedagogia ecológica remediadora ou mesmo salvadora, embora não seja tarefa das mais fáceis alterar comportamentos arraigados por incontáveis milênios de uma atividade de inconsequente depredação.

Mas, como se tudo isso não bastasse, num espaço que não pode aumentar, um número cada vez maior de homens. Logo após a grande revolução do neolítico, há 10 mil anos, que viu a aparição da agricultura e das aglomerações humanas fixas, o mundo contava com 5 milhões de habitantes. Em 1850, 1 bilhão; em 1930, 2 bilhões; hoje, 3 e meio bilhões e no ano 2000 — apenas 30 anos nos separam dele — provavelmente sete.

Malthusianismo, no futuro significará, mais do que escassez de alimentos, escassez de espaço. E de um espaço que não pode prescindir de uma flora e de uma fauna cheias de exigências e de requintes.

A CRISE DOS ETÓLOGOS

Um ligeiro movimento e o prisma nos leva da Ecologia à Etologia. Para os etólogos — e Konrad Lorenz é o seu profeta — a explosão demográfica tem implicações possivelmente mais sinistras do que dramáticas. Poder-se-ia, quem sabe, resumir a crise que preocupa os estudiosos do comportamento do homem e dos animais resumindo uma tese de Desmond Morris: o espaço em que vive o homem moderno tem, sobre ele e sobre seu comportamento, as mesmas consequências nefastas que a inominável e cruel jaula de um zoológico tem sobre seus infelizes e miseráveis ocupantes — por mais bem tratados que sejam.

Talvez seja ainda temerário afirmar, sem qualificações, que irracionalidade de ambiente — sobretudo a irracionalidade flagrante das grandes aglomerações urbanas modernas, a caminho de se tornarem o ambiente do homem — traga como efeito inevitável a agressividade e a violência que dão à vida do homem moderno sua típica tonalidade sombria ou sanguinea, à semelhança do que geralmente ocorre com os tristes e patéticos enjaulados dos zoológicos acanhados.

A Etologia dá seus primeiros passos, muitas de suas afirmações são ainda meras hipóteses, em busca de comprovação, e mesmo figuras como Lorenz ainda não estão inteiramente ao abrigo de controvérsias e debates. Mas o crescente número de livros e artigos centrados na violência e na agressividade do homem — que constituem o tema básico da Etologia, tema que ninguém de bom senso subestima ou quer ver relegado nos dias que correm — é um claro sinal de que finalmente se está tentando compreender, em bases mais racionais, o porquê de certos agissements desses seres vivos. Por essa súbita falta de co-

seus semelhantes com a maior facilidade e com um mínimo de inibição, o que lhe faz ocupar um lugar triste e único na escala zoológica.

A CRISE DOS SOCIOLOGOS

A vastidão da Crise dos Sociólogos ou a facilidade com que os sociólogos descobrem e diagnosticam Crise e crises, no campo específico de suas atividades, não parecem bom augúrio para a complicada e desordenada sociedade global de nosso tempo.

"A grande prova de que nossa atual situação é única, sem qualquer paralelo no passado, está em que o conflito das gerações é mundial". Essas palavras da antropologista Margaret Mead, no seu mais recente livro, *Culture and Commitment* — a *Study of the Generation Gap*, poderão facilmente ser parafraseadas, pois o conflito das gerações não é o único problema de ordem sociológica que se apresenta em escala global.

Nada impede que se diga que a presente situação da sociedade é única porque seus problemas se apresentam todos — ou quase todos — em escala mundial.

A resposta dada por Margaret Mead ao que ela chama de questão-chave sobre a inquietação da juventude por todo o globo — quais as novas condições que produziram aquela inquietação — também se aplicaria, sem atropelo, à investigação dos outros problemas que afligem o campo social.

A primeira dessas condições seria, segundo ela, a emergência de uma comunidade mundial. Pela primeira vez, seres humanos disseminados por todo o mundo, em suas informações e em suas respostas uns aos outros, tornaram-se uma comunidade unida pela co-participação no conhecimento e no perigo.

"Dentro de duas décadas, 1940-1960, ocorreram fatos que alteraram irrevogavelmente as relações dos homens com outros homens e com o mundo natural. A inauguração do computador, o êxito da quebra do átomo e a invenção das bombas de fissão e de fusão, a descoberta da bioquímica da célula viva, a exploração da superfície dos planetas, a extrema aceleração do crescimento populacional e o reconhecimento da certeza da catástrofe caso ele continue, o colapso na organização das cidades, a destruição do ambiente natural, a ligação de todas as partes do mundo por meio de vôos a jato e da televisão, o início da construção de satélites e os primeiros passos no espaço, as novas possibilidades de energia ilimitada e de matérias-primas sintéticas e, nos países mais adiantados, a transformação dos milenares problemas de produção em problemas de distribuição e consumo — tudo isso trouxe uma divisão drástica e irreversível entre as gerações."

Hoje, subitamente, continua Margaret Mead, porque todos os povos do mundo são parte integrante de uma sede interligada, de base eletrônica, os jovens de todos os lugares partilham de um tipo de experiência que nenhum dos mais velhos jamais teve ou terá. E, de modo contrário, a geração mais velha jamais verá repetir-se, na vida dos jovens, sua própria experiência, sem precedentes, de alterações emergentes sequencialmente. Essa ruptura entre as gerações é completamente nova — é planetária e universal.

Como explicar a crise presente? Ela é atribuída, diz Margaret Mead, de modo vário, à extraordinária rapidez das mudanças, ao colapso da família, à decadência do capitalismo, ao triunfo de uma tecnologia sem alma e, num repúdio maciço, ao colapso final do Establishment.

A inquietação da juventude e o generation gap a ela tão estreitamente relacionado talvez constituam apenas um nó da crise que desnorreia os sociólogos. Mas esse nó tem nervuras bem ramificadas — sexo, droga, rejeição em bloco de valores, de moralidade e de comportamento tradicionais — e quase que força à conclusão de que a malaise que abala praticamente todas as sociedades se explicaria, ao menos em parte, por essa súbita falta de co-

quando, diz Margaret Mead, "nós defrontamos uns com os outros, sabendo que eles nunca experimentarão o que nós experimentamos e que nunca poderemos experimentar o que eles experimentaram."

A CRISE DOS ETNOLOGOS

Essa, de todas as crises, talvez seja a mais patética e, possivelmente, a mais cruel e a mais irremediável.

Ela é, em síntese, o drama daqueles que o dicionário chama de povos naturais e que o avanço da chamada civilização condenou à morte sem remissão. Sua permanência na Terra é questão de tempo e não de decisão. Mesmo favorável — e todas elas o são, honesta, bravamente — qual a decisão que poderá resguardar, com barreiras realmente eficazes, a extrema e única fragilidade das estruturas daqueles evanescentes povos naturais?

Admirador entusiasta do bom sauvage, soberanamente indiferente à sua existência ou avidamente disposto a acelerar e a ajudar a marcha do tempo, o civilizado, pelo fato simples e inexorável da vizinhança, condena o primitivo à sua cultura. De todas as crises do mundo essa é a única, sem dúvida alguma, que não oferece qualquer mistério quanto à sua resolução.

A CRISE DOS POLITÓLOGOS

A Crise dos Politólogos é, em verdade, A Crise. Se não é possível hierarquizar as crises, ainda menos será possível hierarquizar as essências. Mas, queira-se ou não, é impossível deixar de reconhecer que o político tem a desastrosável e teimosa tendência, por sua enorme sensibilidade natural, a permitir que tudo — e nesse tudo estão incluídas todas as outras essências — nele repercuta e nele encontre guarida. É preciso que a autoridade tenha atingido seu paroxismo, seja com base na força — para o desconforto de muitos — seja com base no direito — para a segura felicidade de todos — para que o campo do político não registre ou não acuse, com nitidez, os traços das crises realizadas em outros espaços.

Como tais paroxismos são, num caso, execráveis e, no outro, como que dificilmente exequíveis, o mundo bem cedo se habituou a tolerar a sensibilidade do político.

Mas infelizmente, balizada por esses extremos, ela varia, e muito, de normalidade mais invejável a morbidez mais temível. No campo político, sadio, as crises não especificamente políticas mal têm forças — e às vezes nem isso — para alterar a placidez, que é de regra.

Mas, de regra, em nossos dias, é a morbidez. A contestação, seu grande sintoma, diz bem como a relação política básica, que é a da autoridade, está atenuada por algum estranho mal. E com a maior facilidade tudo o que não é essencialmente político e sim essencialmente econômico, ou religioso, ou moral, ou artístico ou até mesmo científico consegue comor e recompor crises e crises sem fim.

Mesmo um adversário declarado da hegemonia política terá de se render à evidência e reconhecer que num certo sentido, sem qualquer exagero, toda crise, hoje, é, node ser política ou pode ser facilmente pela transformada. Exagerado seria pedir uma explicação racional e satisfatória para tudo isso.

Herbert Arendt, escrevendo sobre a violência — *On Violence*, Penguin Press, 1970 — considera o poder não como a violência institucionalizada, como tantos se comprazem em considerá-la, e sim como "a capacidade humana não somente de agir mas de agir em concerto." No Ocidente — e aí vai pelo menos uma explicação da crise dos politólogos — Hannah Arendt acha que o poder como que degenerou numa espécie de administração anônima, trazendo em consequência o vazaroso definhamento do consenso por parte dos governados, porta aberta a todo tipo de violência.

Nada mais estimulante do que a toxionomia das crises. Mas quem for além das aparências verá sem dificuldade que ao homem só interessa realmente uma crise, que é a da concórdia entre irmãos, e da

CINEMA / Darci Costa

Sem Destino (Easy Rider)

Ao lado de *Midnight Cowboy*, *SEM DESTINO* representa bem o espírito de auto crítica que marca, atualmente, o melhor cinema americano; o conteúdo encerra um espírito de revolta contra o encurralamento do homem pela sociedade, põe em pauta a dificuldade de afirmação do indivíduo, ilustra a ânsia pela liberdade.

Sabendo-se ter sido o filme realizado quase que totalmente na base da improvisação, torna-se impossível negar-lhe as qualidades de bom cinema, em seu aspecto visual e fluência de linguagem.

Os realizadores, Peter Fonda e Dennis Hopper mandaram às favas as tradicionais regras de produção de filmes: saíram de motocicleta, numa verdadeira odisséia através o território americano, construindo marcante instrumento de auto crítica em relação à sociedade americana, exatamente o aspecto mais sincero e lúcido do filme.

EASY RIDER foi premiado no Festival de Cannes de 1969, como o melhor filme de

diretor estreado, sem dúvida uma estréia inteligente e reveladora.

Embora indiscutíveis as qualidades do filme e válidas as críticas aos padrões sociais estabelecidos, parece-nos haver um choque, entre as idéias do filme e o fato de existir o filme mesmo, como realização; resultante da intenção da película de ilustrar a filosofia da liberdade total sem obrigações, sem vinculação aos grilhões impostos pela sociedade; em outras palavras, as idéias que o filme põe em pauta, chocam-se com o próprio filme em si que é um produto resultante do trabalho e da organização.

Os dois protagonistas vivem de maquiagem; compram e vendem maconha e não querem ser submetidos a padrões sociais que acham errados.

O filme foi feito para ilustrar esse raciocínio, essa filosofia de vida; para se chegar à sua conclusão, foram utilizados uma série de recursos, que existem, graças à organização que o próprio filme rejeita: estradas

asfaltadas, motocicletas, maquinaria especializada de cinema, enfim uma série de recursos, que permitiram que as idéias, através do filme, chegassem ao público.

Não existisse todo um trabalho organizado, todos os recursos resultantes do trabalho, o filme jamais poderia ter sido feito: daí o absurdo, pelo que, se chega à conclusão que a filosofia apontada não é a solução para os problemas.

Por outro lado, se a meta é não ser escravo de convenções sociais, não ser "adornado" e encurralado pela rotina, o que representa um raciocínio lúcido, difícil se torna encontrar as vantagens de ser escravo da droga e toda a sorte de acessórios de traje e aspecto físico que andam sempre juntos; não deixa de ser também uma forma de se escravizar a certos padrões, pois é fazer o que milhares fazem.

Um filme de crítica contundente, muito bem realizado; discutíveis os aspectos da filosofia que defende.

TEATRO / Mario Alves Neto

Atenção! Maratona à vista

Há dois meses escrevíamos sobre uma hipótese "fossa do TAC", pela ausência de público no primeiro semestre do ano, logo após estranharmos, durante o mês de JUNHO e parte de JULHO, a falta de atrações para os fins de semana no tocante ao movimento teatral. Pois bem, em compensação assistiremos a partir do próximo dia 15 à uma verdadeira maratona de peças teatrais, isto é, em cerca de 10 dias teremos cinco encenações, o que representa uma tremenda temeridade para os responsáveis pelos espetáculos, já que as causas básicas da falta de público não foram sanadas, nem feitas novas experiências, nem sequer quaisquer pesquisas de opinião pública, portanto se não apareceu boa platéia em espaços de tempo maiores, o que esperar deste mesmo público para cinco apresentações seguidas? Só mesmo um milagre florianopolitano, ou então se não fossem cobrados ingressos, o que não teria lógica nem possibilidade, mas é bom lembrar que o pessoal só apareceu, este ano, na NOITE DE ARTE e no FESTIVAL DE TEATRO — espetáculos gratuitos — no mínimo o preço deveria ser bem mais acessível. O DEPARTAMENTO DE CULTURA DO ESTADO colabora com as duas primeiras peças e o DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO CULTURAL da UNIVERSIDADE promover as demais, de qualquer forma o problema maior será dos grupos pela coragem de enfrentar de peito aberto uma empreitada ingrata, no fundo o prejuízo será maior para esta Capital

pelos reflexos negativos causados aos artistas que vêm de fora. Fica a sugestão para o próximo ano: vamos organizar a temporada, evitar atropelos e correrias, trazer apenas peças que interessem a maioria que frequenta o teatro, dar uma solução para o problema dos preços e realizar uma programação bem variada sem o excesso, nem a ausência de encenações teatrais. Caso contrário de nada adiantará a excelente manutenção e reaparelhamento do TAC feito por sua direção, a poeira da desorganização e do improviso encobrirá sua esplendorosa beleza e afastará em definitivo a razão de ser de uma casa de espetáculos — A PRESENÇA DO PÚBLICO. Por que não deixar a direção do TAC responsável pela programação daquele teatro? Vamos passar em revista a maratona, felizmente, composta de boas pedidas, peças válidas e interessantes, com atrações artísticas de alto gabarito, senão vejamos:

— SEU TIPO INESQUECÍVEL abre a programação, nos dias 15, 16 e 17 SET. É uma peça de ELÓI DE ARAUJO, com dois destaques que chamamos a atenção — a direção/dé FAUZI ARAP e a categoria de TEREZA RACHEL. Uma professora de 23 anos e um estudante de 20 anos demonstram nas ansiedades e incertezas, suas profundas frustrações sexuais causadas pela repressão da sociedade e pela falta de melhor orientação, detalhes desprezados pelo autor.

— Nos dias 18, 19 e 20, teremos "O

EXERCÍCIO" de CARLINDO, com a direção de GLYCON DE PAIVA, com excelentes interpretações de RUBEN DE FALCO e GLAUCE ROCHA. Como se vê numa mesma semana a presença de duas importantes atrizes do teatro brasileiro (TEREZA e GLAUCE). O EXERCÍCIO foi considerado pela crítica carioca uma das melhores encenações da temporada.

— FALANDO DE ROSAS, nos dias 22 e 23 SET., prosseguirá o ritmo alucinante da louca maratona. Sob a direção deste colunista, uma adaptação da peça de FRANK GILROY. Muito discutida no VI FESTIVAL AMADOR, foi considerada por certas múmias do teatro apenas original e, para os mais compreensivos e arejados, uma tentativa válida de renovação estética para espetáculos locais. Comentaremos maiores detalhes, no próximo domingo.

— Finalmente, dia 25, 26 e 27 SET., o pessoal da UNIVERSIDADE DE SANTA MARIA (ESCOLA DE TEATRO LEOPOLDO FERREIROS) apresentará duas ótimas peças: A HISTÓRIA DO ZOOLÓGICO de EDWARD ALBEE e PIC-NIC NO FRONT de ARRABAL. Dois autores importantes, uma excelente oportunidade de se fazer bom teatro, esperamos que bem aproveitada.

Para os apreciadores de teatro basta respirar fundo, separar no mínimo vinte cruzeiros e acompanhar a maratona, pois garantimos que o saldo será positivo.

LITERATURA / Di Soares

Um esquema para educação

Marcando o início das atividades da Editora Empreendimentos Educacionais, lança o prof. Sílvio Coelho dos Santos o livro *UM ESQUEMA PARA A EDUCAÇÃO EM SANTA CATARINA*, reunindo estudos sobre a situação do ensino em nosso Estado. A obra trata fundamentalmente de problemas relacionados com o desenvolvimento, mudança e a necessidade imperativa do planejamento integral da educação. Em anexo, o novo Plano de Educação do Estado, do qual Sílvio Coelho dos Santos foi um dos co-autores. Volume que se apresenta em boa feitura gráfica, traz capa assinada por Laércio Costa.

A EXTENSÃO HUMANA

Com o título *A EXTENSÃO HUMANA — Introdução à Filosofia da Técnica*, lança a Companhia Editora Nacional, em colaboração com a Editora da Universidade de São Paulo, este novo livro de João Scantimburgo, que versa um tema dos mais atraentes, qual seja o de mostrar os perigos que estamos

expostos na era da tecnologia, ciência e supervalorização da computação. Trabalho de leitura não fácil, mas os temas são atraentes, e mereceram do autor um trabalho que, se não esgota o assunto, ao menos traça-lhe as linhas gerais e desce, quando necessário, a detalhes pertinentes, hauridos de seleta bibliografia.

ANTOLOGIA DE ESCRITORES BRASILEIROS

Eis um livro que se pode recomendar como utilíssimo para os professores do nível médio e alunos da Faculdade de Educação: *ANTOLOGIA DE ESCRITORES BRASILEIROS*, organizada por Elisia S. Wagner, Lia Marquardt, Lydia M. Kuleza e Myrna Bier Appel. O volume reúne uma série de estudos dirigidos, utilizando textos dos nossos melhores escritores. Trabalho de compreensão e valorização do texto; exercícios gramaticais, notas bibliográficas; e sugestões de leitura extensiva. Lançamento da Editora Movimento, de Porto Alegre. Capa de Cláudio Casaccia

e revisão gráfica de Déa Portanova Barros.

SISTEMA DE CONTABILIDADE SOCIAL

Zahar Editores lançam, na sua coleção Biblioteca de Ciências Sociais, o extraordinário livro de G. Stuvell, da Universidade de Oxford: *SISTEMAS DE CONTABILIDADE SOCIAL*. Trata-se de obra exaustiva sobre o assunto, mas escrita e pensada de maneira exemplarmente clara. Não há dúvida de que o presente lançamento se transformará em amplo instrumento de esclarecimentos fundamentais aos nossos economistas e financistas, a par de constituir-se em rigoroso manual de estudos sobre tão complexo assunto.

O MOBIL PRECISA DO ENTUSIASMO DE TODOS

"O único instrumento que dispõe um povo para atingir e conferir as suas idéias é a alfabetização. Com ela constroí e edifica, amplia e dilata cada vez mais uma área em que o homem se sentirá abrigado de corpo e de espírito". Palavras da romancista Adalgisa Nery.

Música Popular

Augusto Buechler

BUD POWELL: a grande ausência.

Em linguagem simples, telegráfica as agências noticiosas comunicaram aos jornais do mundo a morte de Bud Powell. A descrição dos seus funerais obedeceu ao mesmo estilo: "Abril, 1965 — Mais de 5.000 pessoas acompanharam o cortejo no melhor estilo das exéquias "jazzmen" de New Orleans, do princípio do século. O carro que transportava o caixão de Powell caminhava lentamente seguido de um sexteto de jazz que interpretava o "Round Midnight", de Thelonius Monk. Uma guarda de honra encerrava, por último, o cortejo, enquanto milhares de pessoas de córs seguiam de cada lado, pela Sétima Avenida, principal artéria do Harlem".

O boêmio negro que viu nascer um dos seus mais expressivos músicos, agora contemplava chorando a sua morte. Na mesma igreja de São Carlos, onde Earl "Bud" Powell cantava quando menino, sob os olhares vigilantes de seu pai e mestre, seu corpo permanecia imóvel, cercado e embriado pelos acordes do órgão onde, há quase 30 anos, ele tocara peças de Bach e Hanedel, na rua, a multidão estava calada. Minutos antes cantara e dançara as duas composições de Bud Powell: "A Dança dos Infelizes" e "Bud's Bubble".

A estrêla desse pianista apagou-se tragicamente. Bud, considerado o melhor pianista moderno de jazz, morreu aos 41 anos. Sofreram-no a tuberculose, a submissão e o alcoolismo. Bud também era músico. Tinha talento demais para ser compreendido pelos homens. Sua obra foi mutilada pelos desajustes de seu piano, inundando o mundo do jazz com suas interpretações e composições.

Talvez quisesse dizer muito com suas músicas, mas que sobrepusesse o entusiasmo, o êxtase das "jamsessions" e os momentos delirantes que invadiam os "night-clubs" quando se sentava ao piano. Por isso, quem sabe, refugiou-se no álcool, isolou-se nos pardeiros de New York e Paris, atingindo nos devaneios das drogas e no "delirium tremens" o desluzimento completo que não atingira nas suas apresentações no "Birdland" e no "Milton's" — parnaso do "jazz bebop".

PIANO COM VINHO TINTO.

Há muitos anos, notícias chegadas de Paris falavam de ressurgimento do pianista. Permanecera internado em hospitais de doenças mentais dos Estados Unidos, vagabundeando pelas ruas de Paris. Desempregado, morando num sórdido quarto em Saint-Germain, sem piano, sem amigos. Quem o achou foi um dos seus fãs o desenhista de publicidade Francis Padras. Este deu a Bud o que ele mais necessitava: uma amizade desinteressada, calor humano e confiança. Francis procurou mostrar ao mundo que Bud não necessitava mais de bebidas e drogas. Arranjou-lhe um quarto, comprou-lhe um piano, cuidou de sua saúde, foi buscá-lo no sanatório e ninguém mais via aquele negro de olhar vidrado e triste pedir aos amigos: "Pague-me um cono de vinho".

Poucos acreditavam na recuperação de Bud. Jornais e revistas americanos especializados em jazz diziam que o pianista jamais deixaria as drogas e as bebidas. Os franceses, porém, confiavam em Bud e no seu amigo Francis. Este arranjou-lhe entrevistas e contratos. Para amenizar-lhe a angústia do vício, dava-lhe, às vezes, uns goles de um bom vinho tinto.

RENAASCIMENTO.

Bud Powell lavra um tento quando consegue um contrato de gravação na "Blue Note" e apresenta-se com sucesso em vários clubes noturnos de Paris. John Griffin ao ouvir-lo tocar novamente não consegue conter a emoção e rompe em prantos: "Tal sua genialidade e sua técnica, Bud pensava com a mesma classe e inspiração de antes. Seus nervous breakdowns destruíam-no, porém mantinha a mesma búncia da época em que figurou nos conjuntos de John Kirby, Dizzy Gillespie, Allan Eager, Sid Catlett e Don Byas.

DUAS MORTES.

A tragédia, porém, acompanhava o pianista. A sombra da notícia trágica que chegara ao seu conhecimento, anos antes não o abandonava: seu irmão Richie também pianista, e seu amigo Clifford Brown haviam morrido em um acidente de automóvel, quando a mulher de Powell enfiava. Novo abatimento cai sobre ele e logo depois uma junta médica lhe dá o triste veredicto: tuberculose.

Os amigos franceses entristecem-se e seus compatriotas programam redimir-se das injustas acusações. Bud era ainda o grande pianista de jazz. Suas antigas e novas gravações mostravam ao mundo o seu talento, sua técnica e inspiração. Dos sanatórios franceses e suíços vai parar nos hospitais do Harlem e do Brooklyn, novamente esquecido.

BEBOP

Bud Powell nasceu em New York a 27 de setembro de 1924. Aos 15 anos abandonou os estudos. Começou como músico profissional no Canadá, atuando com "Lee's Coon" no Valadian Snow e no Sunset Royal.

Nascia, na ocasião, uma nova escola jazzística: o bebop e o cool substituíam a "swing era" e um estilo moderno era então criado por Bud, que começou a empregar os frequentadores das "jamsessions" do "Milton's" e do "Birdland". Em 1943 ingressou na orquestra de Cootie Williams. A orquestra do ex-pistonista de Duke Ellington ganha popularidade com os arranjos "bebop" que Bud realiza, e os solos de Cootie e Bud, nas peças "Honeyzyckie Rose" e "Blue Garden Blues" tornaram-se famosos. A crítica considera Bud Powell o mais dotado instrumentalmente dos pianistas de "bop" e o mais autêntico representante dessa escola.

O COMPOSITOR.

Em fins de 1940, arranca aplausos com suas atuações no "Savoy" e como compositor merece especial admiração de Duke Ellington, Count Basie e de Art Tatum. Este último encanta-se com as composições "Hallucinations", "Oblivion", "Gloss Enclosure" e com a "Dança dos Infelizes". Tatum era para Bud um mestre e para impressioná-lo este, certa feita, fere uma das mãos com uma faca, tocando apenas com uma. Esta ferida logo depois se cicatriza.

A DESTRUIÇÃO.

Logo depois é vítima de nova crise nervosa e de 1947 a 1955 permanece mais da metade do tempo internado em sanatórios de doenças mentais em New York. Nos intervalos dos consecutivos internamentos atua com seu trio no "Birdland" e outros clubes.

Influências benéficas em seu estilo e técnica foram recebidas de seu pai, que o obrigou a conviver com os grandes músicos. Abeerou-se em Billy Kyle, para aos 16 anos ingressar no mundo do jazz. Mais tarde era influenciado por Charlie Parker. Soube aprender todo o espírito do jazz moderno, dominando completamente o seu instrumento, tornando-se uma ponte magistral que o ligava ao mundo, o mesmo mundo que lhe era ingrato e que tantas vezes o abandonou.

Incompreendido pela esposa, pelos amigos e pelo público que o aplaudiu e o esquecia, vagou pelas ruas do seu Harlem esgotando-se em bebidas e drogas. Perambulou por Paris, fugindo à solidão e à loucura. Emaranhou-se no seu mundo de sonhos, melodias e desditas.

Andou do gin ao uisque e do vinho tinto ao chéinto. Nas bebidas não buscava a destruição e sim o isolamento que o levaria ao que ele mais amava: o seu piano. Na posse deste, sua alma abria-se em melodias, numa mensagem de amor que os homens ainda não estão capacitados a compreender.

Só o seu povo, nas ruas do Harlem, entendia a sua mensagem de libertação. Embriado pelo ritmo da "Dança dos Infelizes" e do "Bud's Bubble", batia palmas marcando compasso e dançava enquanto sua alma voava para a sua "Birdland" celestial, deixando aqui, num piano solitário, sua grande ausência. (por Lenita M. de Figueiredo, Folha de São Paulo).

Notas de um Caderno de Viagem

H. M. Caminha

Pela madrugada Ruth começou a reclamar que Júnior estava se comprimindo contra ela, não a deixando dormir, e Júnior entrou a choramingar que estava sentindo muito frio. Fui apalpá-lo e, de fato, o pobrezinho parecia um picolé. Ele, então, passou para a cama de Ruth e eu fiquei com Júnior, aquecendo-o com meu corpo. So assim o rapazinho pode dormir novamente.

No dia seguinte, 21 de agosto, de manhã, tornamos a fazer as malas (esse fazer e refazer de malas diário era a parte triste da viagem!). tomamos o "breakfast" na "lodge" e saímos a visitar o canyon do rio Yellowstone. De diversos pontos adrede preparados podem contemplar-se os encantos do canyon. Nêle existe uma cachoeira, as Yellowstone Falls, que, segundo os folhetos

descriptivos do parque, tem cerca de duas vezes a altura das Niagara Falls, embora muito menor extensão. A variedade de cores do terreno (amarelo, vermelho, roxo, cinza), o verde-escuro da vegetação (pinheiros), o azul do céu e o azul pintalgado de branco do rio formam um contraste imponente.

Depois continuamos pela estrada, em direção norte, até a junção de Tower, e daí para Mammoth Hot Springs. A estrada é bastante sinuosa e contorna as encostas de muitos morros. Em certos pontos divide-se grande extensão do vale do rio Yellowstone, em outro visita-se a Tower Falls (queda d'água muito alta e muito esguia, que apresenta alguma semelhança com elevada torre branca); ainda em outro vésse, fincado no chão, em posição vertical, um tronco petrificado de árvore (único exemplar nessa posi-

ção, nos Estados Unidos). E ursos e mais ursos, olhando curiosos os automóveis que passavam, aproximando-se dos que paravam, a fim de receber o amendoim ou a guloseima que lhes era estendida de dentro do carro. Ao todo, no Yellowstone, vimos para mais de 50 ursos pardos ou pretos; geralmente andavam sós, aos pares ou, no máximo, em grupos de três.

Em Mammoth Hot Springs existem diversas fontes de água quente muito calcárea. Depois de aflorar, a água escorre pelo terreno, formando depósitos com o feitiço de terraços, de grande beleza de contornos. Devido à temperatura da água, certos microorganismos formam colônias de variadas cores (verde, roxo, vermelho, azul) em diversos pontos desses terraços. Os nomes que lhes dão são poéticos: Júpiter Terraces, Opal Terraces,

etc.

À tarde (talvez uma hora ou mais depois do meio-dia) paramos num "roadside park" com mesas para pique-nique, e aí almoçamos. A refeição teve sua dose de "thrilling", porque não estávamos seguros de que a qualquer momento não aparecesse um urso querendo compartilhar de nossa comida. Felizmente isso não aconteceu, e seguimos adiante sem maiores novidades dessa natureza.

Depois do almoço passamos por uma nascente de água mineral (Apollinaris Spring), e finalmente entramos nas bacias dos geysers. Passamos por diversos (a maioria fica à beira da estrada principal, mas a outros só se chega através de estradas secundárias). A maioria entra em erupção a intervalos irregulares, uma ou duas vezes por dia; outros têm o ciclo mais longo.

A erupção dura poucos minutos. Grande número de visitantes aguarda a erupção antes de seguir viagem; nós, porém, devido à abertura de tempo, visitamos os diversos locais a toque de caixa. Sempre pudemos ver alguma atividade, contudo: vapores de enxofre saindo das frestas do chão, água quente borbotando das nascentes. As meninas perguntaram de onde vinha aquilo e eu, brincando, disse que das caldeiras de Pedro Botelho Júnior impressionou-se com a coisa e passou a se interessar por como podia Pedro Botelho morar debaixo da terra.

Junto a uma das bacias visitamos um museu no qual estavam expostos quadros explicativos de como se supõe que os geysers funcionam, amostras de rochas, da flora e da fauna da região. Os geysers, juntamente com o Gran Canyon do rio

Colorado e com as ruínas dos "pueblos" de Mesa Verde foram as três coisas que mais me impressionaram durante essa viagem. As nascentes de água quente, os "pools" de coloração variada, muito transparentes, em muitos dos quais não se alcança ver o fundo, as emanções sulfurosas brotando da terra chiando são, a meu ver, impressionantes.

Na Lower Geyser Basin vimos um pequeno geyser entrar em erupção durante três ou quatro minutos, a seu lado havia um "poll" azulado, cujo nível, durante a erupção, baixou cerca de um pé.

Eram mais de quatro horas quando chegamos a Old Faithful, onde existe um dos mais famosos geysers do parque. Aí se acha localizado outro grande conjunto de cabanas e hotéis. Procuramos cômodos mas achamos todos tomados

Quase um Turista (II)

Celestino Sachet

1. No dia 3 de julho, o jornal 'La Capital', de Rosário (Argentina) publica, debaixo do título: 'Sobre a literatura brasileira hablarán en la semana próxima: En la sala central de la Biblioteca Dr. Juan Alvarez, se efectuará el 8 del corriente un acto cultural auspiciado por dicha entidad y el Centro de Estudios Brasileños que funciona en nuestra ciudad. La reunión comenzará a las 21, y en la oportunidad el académico profesor Celestino Sachet pronunciará una conferencia sobre Literatura Brasileña Contemporánea'.

2. E, agora, aqui estou eu. Sete de julho. Doze e trinta da tarde, perdido em um bar. Perguntando ao nosso cônsul, Alvaro Valle que rumos tomar. Fisherton é o bairro onde ele reside. E é para lá que vamos.

3. Enfim, localizado. Quase dois mil quilômetros longe de Florianópolis. Como é bom falar em português. Como é bom ouvir português. Como é bom pensar em português.

E agora as visitas. Os preparativos. Para a conferência de amanhã à noite.

4. Visita ao Consulado na Calle Cordoba. Visita ao Centro de Estudos Brasileiros. Onde meia dúzia de patricios (e de professores argentinos) mostram a quase uma centena de jovens (e a outros, nem tanto) a nossa realidade. Atraves do estudo da língua. Da história. Da Geografia. Inclusive a um aluno carente da visão. Completamente cego. Lá fazendo sua prova de geografia com máquina de escrever. Ainda na mesma noite, visita ao jornal 'La Capital'.

5. No outro dia, de manhã, na página 6 do maior jornal de Rosário, com fotografia e tudo: 'Recibimos la grata visita del profesor brasileño Celestino Sachet, quien se encuentra en esta ciudad invitado para pronunciar una conferencia en la Biblioteca Argentina "Doctor Juan Alvarez"'. Legó a nuestra casa acompañado del vicecônsul de Brasil señor Walter Serra, y los doctores Francisco Meira Lins y

Francisco Cignoli, siendo recibidos por el secretario general de Redaccion, señor Gregorio Tisera López. El profesor Sachet, rector de la Universidad para el Desarrollo de la Provincia de Santa Catarina, ha quedado gratamente impresionado por ésta, la primera visita que realiza a nuestra ciudad. "He resuelto — dijo — retornar a ella cuando mis ocupaciones me lo permitan". E por aí afóra.

6. À noite, a conferência. Nunca tremi tanto. A biblioteca, imensa. O salão de conferências, imenso. O diretor, imenso. A amabilidade e a bondade dos rosarianos, imensa. E eu, cada vez mais pequenino. Cada vez menor. Cada vez tremendo mais, e tem mais esta: "hay que hablar en español". Como tenho o hábito de não recusar desafios, resolvi do: vou falar em espanhol. Felizmente os textos que emprego, os gestos que faço, os quadros murais que aponto, devem falar muito mais espanhol de que minhas palavras. E o pessoal da assistência (impressionante, pouquíssimos jovens. Na sua grande totalidade, são pessoas

adultas que me estão ouvindo) tem a amabilidade de me dizer que falei com acento madrilheiro. Ora, viva! Preciso ir a Madrid para testar.

7. Terminada a conferência, reunião na casa de amigos do cônsul. Que são brasileiros. Que sempre convivem com brasileiros quando vão a Rosário. E que me haviam visto nos jornais de Porto Alegre. Quando lá estive com a caravana de autores catarinenses em visita aos amigos gauchos. Ou este mundo é pequeno. Ou o poder de comunicação dos órgãos de massa é imenso. E, então, madrugada, afora, na fria noite gelada rosariana, como é gostoso, falar-se em português! Sobre literatura catarinense! Sobre Santa Catarina. Sobre Florianópolis.

8. Nove de julho. Dia da Pátria. Desfiles militares. Solenidades. Bandeiras azuis e brancas e por todos os lados. Aula de civismo à Ana Cristina e ao Sérgio Luis (filhotes aqui da casa) mostrando-lhes que cada povo tem uma língua diferente. Tem moedas diferentes. E tem uma bandeira diferente. Mas que a bandeira, símbolo da pátria, é

amada e respeitada, não importa em que lugar do mundo se esteja. À tarde, visita ao Monumento Nacional a la Bandera. Extraordinária construção, que à beira do rio Paraná, rememora aos argentinos que, ali, foi desenhada a sua bandeira. À noite, recepção no Consulado, em homenagem ao professor brasileiro.

9. Dez de julho: Buenos Aires. De manhã bem cedo (com frio de morrer) apanhar o trem. Trezentos quilômetros de distância. Verificados em quatro horas. O trem, expresso, confortável. Relativamente caro. Com apelo nos seus vagões para que mais pessoas dêem de servirem. Para minorar o deficit dos Ferrocarriles Argentinos. Pelas onze horas, ida ao "coche comedor". E daí, a quase oitenta quilômetros, bons vinhos. E boa carne. Meu Deus, como se come carne naquela terra. Em cada prato vem uma boiada. Quente, tenra, gostosa gulosa. Um convite ao pecado da gula.

10. As doze e trinta chegada em Buenos Aires. (Que não é mais a mesma de dez anos atrás). Estou diante de uma cidade gasta. Cansada e suja. Em todo o caso, toca a

correr. Primeiro ao metrô. Meu Deus, porque fiz isto? As crianças não querem mais voltar à superfície. Uma hora. Duas horas. Três horas. Chega. Eu quero é ver Buenos Aires encima. E não a que está debaixo da terra. Visita à Catedral. Para ver o túmulo do General San Martín. E bater fotografias diante da Casa Rosada. E visitar a Praça do Congresso. E comer uma parrillada. E fazer compras. Gastar os últimos pesos com peles sintéticas. E entrar numa loja e achar uma pele linda de morrer. E me pedirem quase três mil (cruzeiros) por ela. E passar na Calle Florida. (Não vá a Buenos Aires sem pisar naquela calle. Seria um sacrilégio!) E entrar em livrarias (como são baratos os livros por lá). E ir ao Zoológico de Palermo.

11. E esta corrida toda se extingue, quando numa esquina da calle Florida encontro jornais brasileiros. Como todos. 'O Globo' de três dias. O 'Jornal do Brasil' de ante-onde. Mas são um pedaço do Brasil. E eu preciso me comunicar com ele. Já, para o hotel. Chega de Buenos Aires. Eu quero é o Brasil.

Eleições

Adolfo Zigelli

Não sei qual foi o vírus que bateu nêle e não sei se veio do Japão ou Alfa-Centauro. O que sei é que, de repente, o bêsta do meu amigo resolveu ser candidato. Simplesmente encasquetou e foi em frente...

Uso essa intimidade porque o conheço há muito tempo, muito mesmo, tenho-lhe uma profunda amizade e não posso concordar com a decisão que tomou.

Não que a política seja algum "território proibido" ou que eu, pessoalmente, a localize como centro irradiante de todos os males que nos afligem. Afinal os políticos não representam nenhuma espécie exótica da raça humana e, por incrível que possa parecer, são gente como nós. E, fechando o parêntesis, acho que a política em última análise, é que conduz a vida em sociedade. Como projeção do organismo social tem, forçosamente, as falhas e as fraquezas deste.

Mas o meu prezado amigo — pela madrugada! — escolheu a oposição para abrigar a sua candidatura. Ora, a nossa querida ca-

pital é a campeã mundial em número de candidatos, perdendo, apenas, em termos percentuais, para a enorme e aguerrida legião dos jornalistas. Aqui, depois de jornalista, o que tem mais é candidato.

E o meu desavisado amigo foi logo para a oposição!

Deve ter, sem dúvida, alguma vocação para São Francisco de Assis. Se o digo é porque embora ele não tenha cintilações de gênio também não é um babaquara qualquer e seu comportamento só se explica como uma inclinação incoercível para o sofrimento.

Não sei como ele vai conduzir a sua campanha política.

Vejo o um pouco reservado, amoitado para usar uma expressão bem popular, como se estivesse esperando zebra de primeira a quinto nessa fase inicial da campanha e, com base nesse resultado, buscar os seus caminhos.

De qualquer jeito já assumiu ares de candidato e pelo que estou vendo vai até o amargo fim.

De minha parte, ainda que sobrem amigos diletos do outro la-

do, sinto-me na obrigação de votar nêle.

Por uma questão, digamos, do amor-próprio.

SOLUÇÃO

Os ônibus grandalhões que passavam pela Rua Aristides Lobo, na Agrônômica, levantavam muita poeira. Era só um funcionário da ACARESC (que fica ali perto) passar o dedão sobre a escritaninha e lá ficava aquela avenida no meio do pó. Pensa daqui, pensa dali, resolveu-se a questão com tranquilidade: duas valas foram abertas no meio da rua e os coletivos não têm mais condições físicas para transportar o inusitado obstáculo. E acabou-se o pé.

Muito modestamente, achamos que a Prefeitura já tem os seus buracos para cuidar e dispensa tão espontânea colaboração.

LEITE

Conta o Jornal do Povo, de Itajaí, que a cidade está toda fazendo experiência com saquinhos plásticos de leite, para verificar se um

litro plástico correponde a um litro mesmo. Isso porque uma gentil senhorita fez a experiência e descobriu — heureca! — que um litro plástico não é um litro de Cinzano. A moda pegou por aqui e o jornalista Marçilio Medeiros, filho tranou-se durante um programa inteiro do Chacrinha no seu laboratório especial, chegando a mesma conclusão. Isso depois de entornar dois litros de leite e quebrar um antigo de conhaque Castelo. De qualquer forma Marçilio também entrou no campo da pesquisa (ninguém segura este País) e concluiu que devem ser adotadas novas medidas: o litro-litro, que é o litro do velho conhaque Castelo e o litro-saco, que é um litro bem mais sofisticado, acompanhando a marcha da tecnologia e da cibernática.

NOTICIA

Para os que estão aprendendo ou querem aprender jornalismo, aí vai o tipo da notícia curta, precisa e gorda:

— Foi instalado em Florianópolis o 4.º Seminário Nacional do Porco.

RENOVAÇÃO

Conta o Informe JB que o Senador Benedito Valadares, ao desistir da reeleição para o Senado, parece que adivinhou a renovação de valores que está para se processar: o candidato da ARENA paraense ao Senado, e que deve ser eleito tranquilamente, é o Senhor Renato Franco, que tem verdejantes 78 anos de idade.

CONVERSA

Notinha de um jornal carioca diz que os escritores Fernando Sabino e Oto Lara Bezende empenharam-se outro dia numa séria conversa sobre a necessidade de dormir cedo para aproveitar melhor o dia. A conversa terminou às quatro e meia da manhã.

RUA

A Rua José Anchieta, antes da Escola de Aprendizes Marinheiros é o tipo da ruazinha atrevida. Não tem mais de 300 metros a senvergonhazinha mas adora lama, pó e buracos. O que tem de pequena tem de assanhada a Rua José An-

chieta, apesar do nome grave e ilustre que a identifica.

FUMO

Notícia publicada pela ZERO HORA, de Porto Alegre:

"Puxar fumo", tomar boletas, até poucos anos era negócio da marginalia. Agora, virou negócio distinto. Se a Delegacia de Costumes resolver agir com real eficiência, a crônica policial vai virar social."

CO-EXISTENCIA

Outro jornal, este do Rio de Janeiro, mostra-se surpreso porque no mesmo prédio, na Lapa, funcionam pacífica e harmoniosamente duas entidades: A Assembléia de Deus e os Tenentes do Diabo.

SLOGAN

Esta quem conta é Murilo Mello Filho: O Senhor Matos Leão, presidente da ARENA do Paraná e candidato ao Senado está furioso e quer identificar o adversário que espalhou um slogan terrível pelas ruas da cidade: — Matos Leão já vem queimado.